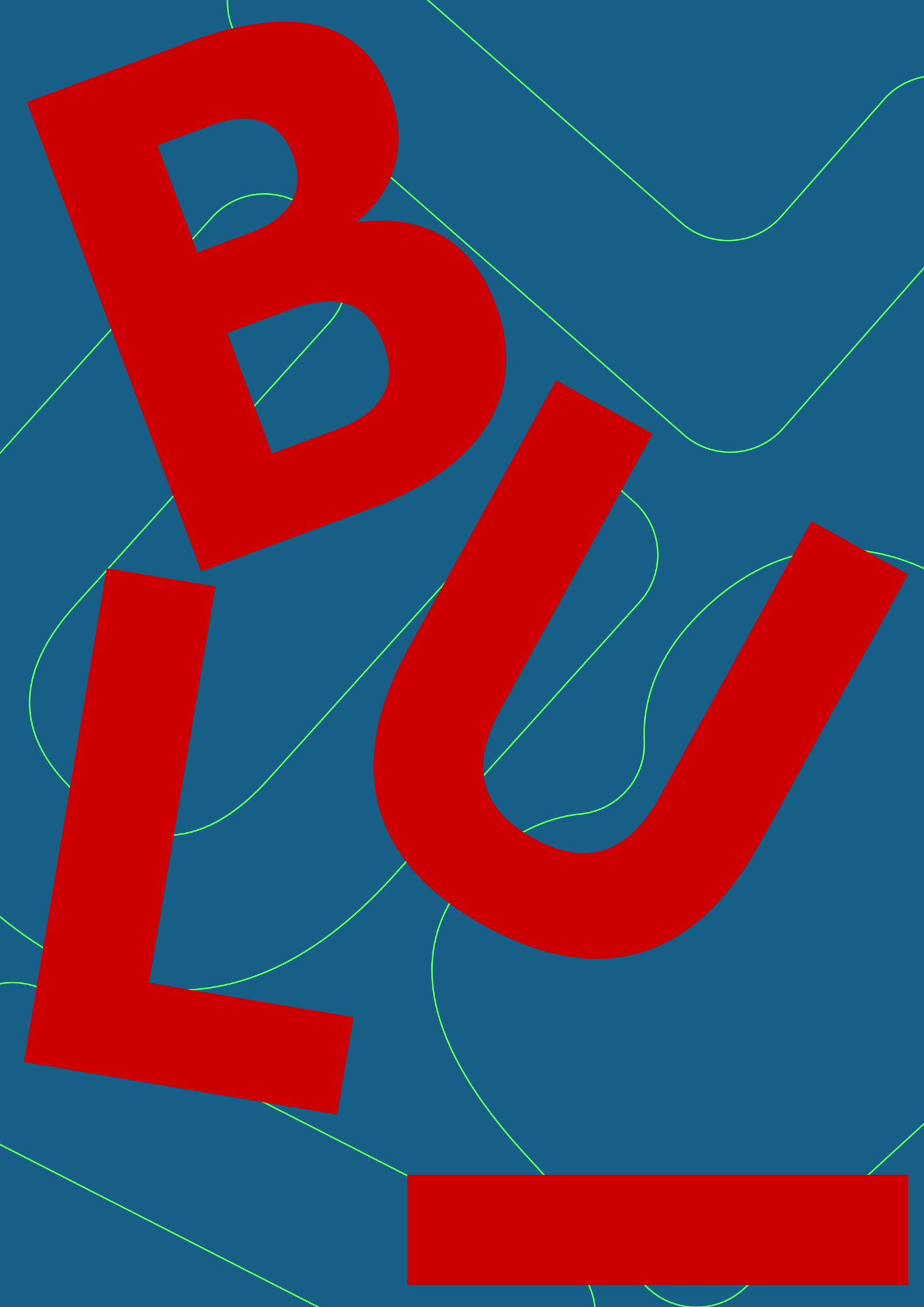

Bu

BULI

REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ TEXTOS PREMIADOS NO 2º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA REALIZADO EM 2023

tatuí conservatório de música e teatro

BULI

REVISTA BULI
JULHO/2024
EDIÇÃO EXTRA

REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

BULI é a Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí. Com esta iniciativa, pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. Reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

Coordenação Editorial
Antonio Salvador

Editores
João Fabbro, Tadeu Renato e Thiago Leite

Produção Editorial
João Fabbro

Projeto e Arte Gráfica
Luiza Devasa

Revisão de Textos
Tadeu Renato

Estudante Bolsista Ofício da Revista BULI
A Bolsa Ofício visa valorizar e incentivar a experimentação de habilidades e ofícios correlatos à formação de músico, ator/atriz ou luthier, dando oportunidade a alunos(as) interessados(as) e com domínio técnico que frequentam os cursos regulares do Conservatório de Tatuí.

Júlio Basile

Contato
bulibuli.artescenicas@gmail.com

SUMÁRIO

CAPA **01** Luiza Devasa

ANTES DO INÍCIO **07** TEXTO DE APRESENTAÇÃO
Editores

EDITORIAL **08** NÃO PODE HAVER AUSÊNCIA DE BOCA NAS PALAVRAS
Tadeu Renato

TEXTO PREMIADO

ALUGA-SE UMA SENTADA OU UMA MAO NO JOELHO E OUTRA NA **11** DRAMATURGIA COMPLETA
Tina Mariah — São Paulo

TEXTO PREMIADO

CAPOEIRA CAPOEIRÁ **23** DRAMATURGIA COMPLETA
Léo Idra — Tatuí

MENÇÃO HONROSA

DETETIVE CATAPIMBA **27** DRAMATURGIA EM PROCESSO
Calebe — Tatuí

TEXTO PREMIADO

DOIS HOMENS MORTOS **31** DRAMATURGIA COMPLETA
Antônio Garcia — São Paulo

TEXTO PREMIADO

FALSOS CRIMES NÃO COMOVEM OLHARES **63** DRAMATURGIA EM PROCESSO
Lyvia P. M. — Tatuí

TEXTO PREMIADO

MAQUIAGEM À PROVA D'ÁGUA **74** DRAMATURGIA EM PROCESSO
Sky Said — Tatuí

MENÇÃO HONROSA

O NEGÓCIO DA FÉ **86** DRAMATURGIA EM PROCESSO
Lena Giuliano — São Paulo

MENÇÃO HONROSA

O PESO DA MEMÓRIA **110** PROJETO DRAMATÚRGICO
Beatriz Machado — Mogi das Cruzes

COMISSÃO DE SELEÇÃO **136** INTEGRANTES DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DO 2° CONCURSO DE DRAMATURGIA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

editores

Esta edição do Caderno de Dramaturgia é o resultado do 2º Concurso Estudantil de Dramaturgias, realizado no segundo semestre de 2023, reunindo os textos selecionados. O presente Caderno é uma edição extra da **BULI — Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí**, projeto com o qual pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. A revista deseja reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

NÃO PODE HAVER AUSÊNCIA DE BOCAS NAS PALAVRAS

Tadeu Renato

A edição extra da Revista BULI, publicada pelo Conservatório de Tatuí, apresenta textos selecionados no 2° Concurso Estudantil de Dramaturgia e que abordam temas variados, escritos por pessoas de geografias, idades e, evidentemente, experiências diversas. Apesar da multiplicidade, há um aspecto que atravessa a maior parte dos textos: a exploração da violência sob diferentes perspectivas e contextos.

Eliane Brum, em seu artigo "O Golpe e os Golpeados", discute como a violência política e social no Brasil esvaziou o sentido das palavras, tornando-as quase irreconhecíveis em seu uso cotidiano. Brum, afirma que termos como “golpe”, “chacina”, “genocídio”, entre outras, tornaram-se palavras desprovidas de seu peso original, banalizadas pelo uso indiscriminado, pelo discurso dominante e pela repetição infinita que não se torna ação. É um desafio para a dramaturgia contemporânea, pensada em seu aspecto verbal, criar poéticas que retomem a força do verbo, que instaurem um discurso sobre a violência que ainda nos faça desnaturalizar o grotesco de uma sociedade que se afunda no ódio às diferenças, ódio elevado em potência pelo funcionamento de uma economia e um Estado que seleciona quem participa e quem não participa de um restrito conceito de *humanidade*.

Os textos que aqui se apresentam buscam ressignificar as palavras e acontecimentos através do teatro, transformando histórias de violência e luta em narrativas poéticas que engajam e co-movem o público (co-mover é mover junto, colocar em ação coletivamente), ressaltando a importância da dramaturgia como ferramenta para a reinvenção dos discursos sobre temas complexos e desafiadores.

As dramaturgias selecionadas compartilham uma preocupação com temas sociais relevantes e urgentes, como a precarização do trabalho, as histórias e ancestralidades da população preta e parda, a exploração sexual e a transfobia. Esses temas são abordados de maneira profunda e sensível, revelando as camadas de violência que permeiam a sociedade. Conseguir narrar depois do trauma é essencial para a cura, isto é, para a transformação e a evitabilidade da repetição. Ao se tornar palavra partilhada coletivamente no presente, a dramaturgia permite apresenta outras sensibilidades, o que não é pouco ante um mundo cada vez mais embrutecido.

O uso de elementos como diálogos consistentes, tramas vivas e canções ajuda a transformar experiências dolorosas em narrativas poderosas que provocam reflexão e empatia.

A coletânea de textos apresentada pela Revista BULI demonstra não apenas a riqueza temática da dramaturgia estudantil, mas também a importância de incentivar novas vozes a escrever para o teatro. Através da recriação poética de temas como a violência, essas obras não só refletem a realidade, mas também oferecem novas maneiras de entendê-la e transformá-la.

A diversidade de perspectivas é essencial para a evolução das artes cênicas, promovendo um diálogo contínuo e necessário sobre as questões mais prementes da nossa sociedade. O verso do poeta Manoel de Barros, que dá título a essa apresentação, segue com: “nenhuma fique desamparada do ser que a revelo”. Que as palavras destes textos encontrem outros corpos que ecoem o desejo de reconfiguração do real na busca de uma vida baseada na ética do cuidado e da dignidade.

2º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

Com o objetivo de fomentar a produção de textos para a cena, escritos por estudantes residentes no interior do estado de São Paulo (com principal foco em habitantes do interior do estado), o Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí, realizado no segundo semestre de 2023, compartilha a empolgação de receber 48 inscrições, com textos dos mais diversos estilos. Este ano tivemos uma participação ainda maior de inscritos do interior do estado, o que nos alegra ao sabermos que o concurso tem chegado mais longe e encontrado pessoas inventivas e interessadas na escrita dramatúrgica. Nesta edição tivemos também uma participação maior de crianças e jovens, com obras lidas com o mesmo cuidado que aquelas escritas por adultos ou com maior experiência em teatro.

É sempre uma tarefa complexa o processo de selecionar os 05 textos premiados, além das três menções honrosas, pois a Comissão considera uma série de fatores e debate até que se chegue a um consenso. A qualidade poética e a multiplicidade de temas é tamanha, que faz com que seja árdua a escolha, pois é ampla a variedade de temas e poéticas apresentados em todos os textos inscritos. Essa diversidade aumenta o desejo de continuarmos com esse concurso, em busca de encontrar cada vez mais textos criativos de estudantes que projetam teatralidades futuras. Assim, chegamos aos seguintes textos selecionados.

ALUGA-SE UMA SENTADA OU UMA MÃO NO JOELHO E OUTRA NA

Tina Mariah

"Dramaturgia de temática social produzida a partir de pesquisa em processo pedagógico, sobre mundos do trabalho precarizado, nas condições da vida nas ruas, com trânsitos entre o realismo dramático, a teatralidade épica e a exposição da própria situação produtiva, numa articulação atual e irônica em que o teatro estudantil e sua possível função crítica entram em cena."

Sérgio de Carvalho
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

PERSONAGENS

DonBass — Dono de uma franquia de pizzaria, cidadão de bem.

Pina — Artista em situação de rua, usa da reciclagem para criar.

Sorriso — Coletor de lixo com semblante de "pokas ideias".

Marcações — /// (a personagem é interrompida).

Esta peça flerta com o drama, o épico dialético e o performático.

CENA I

Noite. Entre a Pizzaria Buona Gente e a estação de metrô Matriarca há uma encruzilhada. Abaixo da marquise do metrô, moram duas moradoras de rua, Pina e Raio de Luar.

DonBass está fechando a pizzaria. Pina gesticula com os olhos para Raio, que caminha depressa em direção a ele. DonBass está com seis pedaços de pizza em um prato. Raio de Luar se aproxima.

Raio de Luar: Oi, Tio, boa noite.

DonBass: Boa noite. Onde estão os pratos?

Raio de Luar: Ahh... Estamos sem água... Só amanhã... Será que... Você... Poderia conseguir uma daquelas caixas de pizza?

DonBass: Poxa... Cada uma custa 67 centavos. Se cada domingo eu lhe der (olha para os restos de pizza)... Vou ficar no prejuízo. E já estão tentando me tomar o imóvel... Você entende?

Raio de Luar: Claro, doutô!! Espera um pouquinho, então, é... Rapidinho...

DonBass puxa o celular, assistindo qualquer coisa e rindo. Raio de Luar procura no lixo, e encontra a tampa de uma caixa da pizzaria com um bilhete. Guarda o bilhete no bolso. Vai até DonBass, que despeja distraído a pizza no papelão.

DonBass: Isso aí, é importante reciclar. Um lixo reciclado é uma cidade mais limpa.

Raio de Luar: Obrigada!!

Raio de Luar vai até Pina. Enquanto comem as pizzas, Raio de Luar tira o bilhete do bolso. Pina lê:"Uma pizza para seis" e olha para as pizzas.

Raio de Luar: Um pedaço para cada uma, porque a fome é de anteontem.

Amanhece. Sorriso caminha em direção à Pizzaria fechada para colher uma pilha de sacos de lixo. Reorganiza-os em blocos na encruzilhada, esperando o caminhão. Raio de Luar acorda com o barulho e vai até a pilha de lixo.

Raio de Luar: Bom dia, Sorriso! *(apalpa os sacos de lixo)*. Já sei: *(imitando Sorriso)* "Não vivi meu dia para saber se é bom".

Sorriso: Deixa eu trabalhar, garota...

Raio de Luar *(se joga sobre os sacos)*: Vou mudar seu apelido: rapadura de polvilho!! Até rima, "Sorriso, rapadura de polvilho"... Azeda e dura... Poxa, não tô fazendo nada! Nossa! Nossa!! Isso é muito fofo. É um sofá? É um sofá!!

Sorriso: Deixa de besteira, é lixo. Tava ali na porta da pizzaria. Cuidado! Se rasgar, cê vai limpar, hein!!

Raio de Luar: Pina, Pina! Vem ver, temos um sofá!! Me ajuda!

Pina acorda com os gritos de Raio de Luar e caminha, atônita, em direção aos dois.

Sorriso: Você vai me arranjar encrenca com seu DonBass, Raio...

A porta da pizzaria abre. DonBass, atento à rua, observa a cena.

Pina: Acho que é espuma ou retalho. Dá pra fazer///

Raio de Luar: "Maôêeee", parece que vamos assistir tevê na sala, hoje!!

DonBass *(se aproxima com uma placa em mãos)*: Bom dia.

Todes: Bom dia.

DonBass: Algum problema por aqui?

Raio de Luar: Problema nenhum, senhor. Aqui temos a solução. Ganhamos um sofá, agora temos sala.

DonBass: Isso? Isso é lixo. Reformulamos ontem a pizzaria. A matriz americana mudou toda a estética. *(imponente)* Agora temos um estilo fast-industrial-vintage. Trocamos os puffs por cadeiras duras. E um cardápio exótico de pizzas.

Raio de Luar *(resmunga)*: Vish, gourmetizou... calabresa..."hashtag" *(gesticula com as mãos #)* saudades...

DonBass: Assim diminui a permanência e aumenta a rotatividade.

Raio de Luar: Tempos difíceis encurtam as conversas... E os bolsos.

DonBass *(para Sorriso)*: Pode subir no caminhão!

Raio de Luar *(se põe entre Sorriso e os sacos de lixo)*: Daqui não sai!

DonBass: Lixo na calçada da pizzaria atraem bichos. Bichos espantam os clientes e atraem a Vigilância Sanitária. Vigilância Sanitária atrai multas. Multas me dão dor de cabeça. Acredito que Sorriso tenha um destino melhor para todo este *(esfrega os dedos, com nojo)*... Lixo.

Pina *(se aproxima dos sacos de lixo)*: Doutor, licença... Podemos reciclar, você sabe, eu sou artista ... Este é meu ganha-pão... Não ficaremos muito tempo com eles.

DonBass: Pão e pizza! Todo domingo faço uma doação para vocês, é preciso humildade para reconhecer... Ontem vocês estavam ali, felizes, comendo... Também quero ficar feliz como vocês, com a calçada... Limpa.

Raio de Luar: Não é você quem fica feliz, são seus clientes. Você só lucra com quem come e tem culp /// *(Pina afasta Raio de Luar para trás)*.

Sorriso: Decidam! O caminhão já tá na outra esquina, vocês vão me fazer correr em plena segunda?? *(Raio de Luar abraça carinhosa Sorriso por trás, imobilizando-o)*.

Pina: Seu DonBass, agradeço muito a comida que nos serve, é tudo muito bom, de qualidade. Até esqueço da fome da semana. Não temos o que reclamar. Seus trabalhadores são sempre muito, muito gentis com a gente. A gente não incomoda ninguém. Nunca nenhum cliente reclamou de nós. Não é mesmo?

DonBass: Isso é verdade...

Pina: Você sabe, aqui é rua, hoje estamos aqui, amanhã... Sabe-se lá... Uma hora temos cobertores, na outra descemos os trilhos do metrô para caçar... Mas, vou usar para fazer algumas coisas e vender, aquietar a alma e ganhar uns trocados.

Raio de Luar *(lê a placa de DonBass em tom baixo, sílaba por sílaba)*: "PROMO BUONA GENTE: CABE NO SEUUU BOLSO - 3 PIZZAS POR DUAS" .

Pina: Quem sabe algum dia alguém me vê, e vou lá decorar as paredes do BBB. Pode ter certeza, nunca vou esquecer o que o senhor já fez por nós.

DonBass *(com ar de desprezo)*: Tudo bem, só porque você é certinha, Pina...

Pina: Obrigada!! Muito obrigada!!

Sorriso corre irritado em busca do caminhão de lixo.

DonBass coloca a placa de promoção na Pizzaria. Pina e Raio arrastam a pilha de sacos de lixo para baixo da marquise do metrô. Pina organiza os materiais para criar arte. Raio de Luar brinca sobre os sacos de lixo.

CENA II

Pina, com um dos sacos de lixo aberto, preenche o último molde de almofada que representam comidas: fatia de pizza; osso; maçã mordida da Apple etc. Raio de Luar rola sobre os sacos de lixo até Pina.

Raio de Luar: É nosso?

Pina: Para vender.

Raio de Luar: Você?

Pina: Nós.

Raio de Luar: Eu não vou vender. Se eu vender vamos ficar sem sofá...

Pina: Isso não é sofá, Raio... É refugo de pano, tecido... É lixo. Se reciclar, transformamos em arte, e como arte podemos vender e ter um engorde no mês ///

Raio de Luar: Este sofá é minha casa, você não pode fazer isso. Se não fosse eu, você não tinha visto. Aquele falsiane do DonBass tinha mandado tudo para o caminhão com Sorriso.

Pina: Precisamos comer, Raio.

Raio de Luar *(debochada)*: Foi por isso que fez essas almofadas? Come esta pizza, então.*Raio pega a almofada de fatia de pizza.*

Pina: Raio, não faz isso, é meu trabalho.

Raio de Luar: Cê acha que esses playba gourmezinho vão comprar? Eles só compram coisas de quem não se vê trabalhando.

Pina: Chega. Pega as almofadas, você tem que me ajudar. Viver custa trabalho. Eu faço e você vende.

Raio de Luar: Você não vai me usar.

Pina *(impaciente)*: E o que você vai comer, então? *(irônica)* Vai pedir para DonBass? Vá!!

Raio, contrariada, pega as almofadas e se dirige ao público pedindo uns trocados. Ninguém compra. Raio volta até Pina e joga as almofadas com fúria.

Raio de Luar: NINGUÉM COMPROU! Desiste, vai. Artista? Que bela arte! Por que não vai fazer comida de verdade? Isso sim mata a fome.

Pina: Calma, a gente vai conseguir dinheiro.

Raio de Luar: Quero ver que outra brilhante
ideia a artista vai ter...

BLACKOUT

"Sofá" ao centro. Sorriso entra cantando o funk (sonoplastia). Raio de Luar e Pina dançam juntas e fazem coro, enquanto organizam o cenário. Projeções de placas de pedidos, reclamações, mensagens de moradores de rua ao fundo.

Quem tem direito de sentar?
De meter a raba nesse sofá
Quem tem direito de levar?
A velha mobília enfeita o lar Deita,"realeza"
Senta,"realeza"
Se acha dono da calçada, paga imposto feito besta
Quem tem direito de ocupar
O cu / o cu/ ocu/ ocu PAÁ (coro)
Chega o rapa na esquina
Leva tudo(coro)
Nega bala, olha feio
Vagabundo (coro) Não quero roubar, não
Não quero causar, não
Eu só quero o direito de sentar no sofazão
Zão zão zão zão

Sorriso sai. Pina coloca a placa"aluga-se uma sentada". Ninguém senta.

Raio de Luar: "Aluga-se uuuma sennntada". Cê acha mesmo que esses burguesinhos vão sentar aqui? Tira a mão do joelho e põe na consciência!!

Pina: Te proíbo de falar assim comigo///

Raio de Luar : Você não é minha mãe. Sou hashtag filha da lua, corro mundo na velocidade da luz, num país sem pai. *(arremessa uma das almofadas contra a parede, que explode em retalhos no chão).*

Donbass, enquanto troca a placa de promoção da pizzaria (PROMO SÓ HOJE QUEIMA TOTAL PIZZA 70%OFF), observa indignado e aproveita o momento de distração na briga das duas.

DonBass *(joga veneno na calçada)***:** Está cada vez pior. Quem toma conta? Cadê o poder público? Olha aí, estão contratando para a Virada Cultural. 60 reais por doze horas e uma marmita. Mas querem trabalhar? Não. Gostam mesmo é de vadiar e depois pedir pizza para mim. "Sou artista"...Pfffff!! Dobrando paninho... Passou da hora... Vou dar jeito nessa baderna, antes que se alastre...

Pina: Você tá muito atrevida. Tá achando ruim? Vai correr o mundo, então! É menos uma boca pra eu me preocupar. Vá viver de luz. Todo dia acordo sem saber o que vamos comer. Se ficar doente, para onde vamos correr. Se vai fazer frio, porque...

Raio de Luar: Eu tô cansada de você sempre lamentando, chorando, reclamando. Ando, ando todo ano, e ninguém sai do lugar. Aí, quando temos a oportunidade de ter uma casa completa você faz o quê? Transforma as coisas para vender. Depois vai lá, puxar saco do DonBass em troca de migalh///

Pina: Sai daqui, Sai daqui!!! Cansei!

A pizzaria está fechada. Raio de Luar atravessa a rua, deita-se sobre a calçada envenenada enquanto a noite adentra e dorme. Pina está se preparando para dormir e procura por Raio de Luar. Pina vê Raio de Luar dormindo sem se mexer. Vai até ela e a pega nos braços.

Pina: A Raio, Sorriso... a Raio...

Sorriso: Acorda, Raio. Ela tá brincando. Deixa de brincadeira, Raio. Vamos, acorda.

Sorriso se afasta e percebe que Raio não acorda. Se aproxima.

Pina: Me desculpa, me desculpa! Eu não quis dizer tudo aquilo. Ahh, minhas Deusas, me deem forças... Que faço? Não te pari, é verdade, como mulher não tive escolha de ser mãe. Mas você surgiu aqui, como um raio em lua crescente. Iluminou quando a miséria já me levava. Te manter viva tem sido minha grande arte. Alguém me ajuda! Sorriso, cadê você??

(Pina tira sua capa e cobre Raio de Luar com o manto. Sorriso entra.)

Sorriso *(observa o chão)***:** É veneno. É veneno, Pina! Sai daqui. Vamos sair. *(DonBass se aproxima)* Faz alguma coisa!!

Sorriso e Pina carregam Raio para a encruzilhada.

BLACKOUT

CENA TOMADA DE CONSCIÊNCIA: *Raio de Luar está sobre a pilha de sacos de lixo, na encruzilhada, enrolada no manto e segurada pelos braços de Pina. Luz vermelha intensa e sombras, projeções de imagens de demolições, remoções de população de rua, violência estatal. Uma voz em eco guia o jogo de luzes:*

Este presidente,
que ri por dentro enquanto diz que chora.
Esta elite responsável pela miséria do povo
que se esconde muito bem do povo que a faz rica enquanto trabalha.
Este povo desempregado
Procura desesperado
comida no caminhão do lixo
- que nunca chega.
Compra osso de galinha pra pôr na sopa
Se alimenta dos restos despejados
por uma classe média fascista
que vive chorando de barriga cheia.
É Lavagem, lavagem, lavagem!!!

Som de jatos d'água e gritos. As luzes se apagam lentamente.

Pizzaria interditada. O chão abaixo da marquise, onde ficam as barracas, está molhado. Donbass some. Sorriso chocado e revoltado, pisa sobre o chão molhado, olha tudo com ódio e grita até começar a rir de desespero e raiva.

Projeção sobre a plateia, aos poucos a luz vai revelando o palco. Na pizzaria já se pode ver a placa"Demolidora União". Na sequência, DonBass caminha confuso e se coçando sem saber para onde ir. A iluminação chega até Sorriso, que empilha os últimos sacos de lixo formando uma barricada. Pina está em uma fissura da barricada, como quem espera o público. Já se pode ver Raio de Luar sentada sobre os sacos, que estende o braço e convida o público a se juntar.

CENA III

Atuantes para o público: Historinha de criança? Novela da Globo? Trágico? Forçado? Um pouco forçado, NÉ? Tipo... Maria do Bairro? Se ri,quem ri? Porque ri?

Esta peça que acabamos de apresentar até aqui foi gestada e parida em 2022, a partir de pesquisas do núcleo quatro de estudantes da SP Escola de Teatro, no estudo sobre poéticas de rua. Os artistas docentes da escola, na época, não entenderam porque, ao estudar Poéticas de Rua, havíamos escolhido como centralidade as pessoas em situação de rua.

Nos relatos da pesquisa de núcleo, depoimentos de notícias sobre marmitas envenenadas sendo dadas a moradores de rua em São Paulo; situações de ver o despejo da própria rua dessas pessoas; teatro paulistano envenenando os degraus para ninguém dormir, em pleno inverno. Sabemos como aquele ano foi gelado para os mais de 80 mil pessoas nesta situação no Estado de São Paulo, hoje.

Não queríamos fazer uma peça dramática. Drama não dá conta de segurar esse rojão. E é aqui que este drama acaba: estamos em 2023. Recentemente, a prefeitura de São Paulo iniciou mais uma rodada de extermínio ao povo pobre que se encontra nas ruas com a remoção das barracas. Relatos de remédios sendo retirados da população, pertences pessoais e até documentos de identidade. A prefeitura nega que tenha tomado os pertences pessoais. Mas o plano deles continua. A caridade da prefeitura não tem limites em bondade. Pretendem, agora, enviar ao trabalho no campo com a promessa de "qualidade de vida" para estas pessoas.

Velha jogada da grande indústria: seduz a massa de trabalhadores onde melhor e mais barato pode ela explorar, jogando da cidade para o campo:

Agência Brasil, 10 de março de 2023: Vinícolas devem pagar R$ 7 milhões por caso de trabalho escravo no RS.

E do campo para a cidade:

Agência Brasil, 23 de março de 2023: Fiscalização flagra trabalhadores escravizados no Lollapalooza.

Trabalho no campo, o "fundão" da indústria urbana. O campo é onde eles controlam, longe dos olhos e das antenas do mundo. A natureza do capital não poupa ninguém desde os primórdios. O Padre Júlio Lancelotti que o diga, convive todos os dias com as ameaças venenosas da direita fascista. Você acha que será poupado, poupada, poupade desta? O capitalismo também não vai poupar você dos seus marcadores. É questão de tempo. E você sabe.

Mas, e você, vai segurar este rojão sozinhe até quando? Você sabe segurar o rojão? Atirar para o outro lado? Impedir este estado odioso? Sabe ousar sonhar outro presente coletivo?

O cenário é desmontado aos olhos do público ao som de A democracia ou Primavera Solar, canções de Doralyce.

Atuantes vão se descaracterizando em frente ao público mesmo.

FIM



Tina Mariah é dramaturga, dramaturgista, atriz e poeta. Estuda Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Dramaturgue e Dramaturgista do projeto Conexões Humanas, selecionado para a Mostra de Estudantes da Quadrienal de Praga 2023. É autora do projeto Plot Point: ponto de encontro entre Dramaturgia e Roteiro. Dramaturga e atriz no grupo teatral Falha Coletiva, e performer no grupo Destempos. Vive a arte como instrumento para convocar cantos de coragem na transformação de nosso povo.

CAPOEIRA
CAPOEIRÁ

Léo Idra

“O tema tem grande valor social: a grande maioria das pessoas brasileiras não conhece as origens da população preta e parda, precisamos contar as nossas histórias. Por incrível que pareça isso ainda é ficção, porque não foi contado, eu mesma não conheço as minhas raízes. A peça escrita no formato de processo pode ser desenvolvida em uma narrativa atual, com uma trama viva, de suspense, humor, alegria e emoção, ressaltando o que já aponta: a busca pelo autoconhecimento, a história e a ancestralidade do seu povo.”

Cristiane Sobral
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

PROJETO

“Esse trabalho em desenvolvimento tem o intuito de apresentar um contraponto entre conhecer e desconhecer partes sobre minhas narrativas de origem, trazendo uma sensação de incompletude na formação do indivíduo anônimo retratado no texto acima.

Essa proposta tem como ambientação a zona rural de Tatuí SP, onde as estradas são de areia pesada e densa. Optei por uma linguagem simples e objetiva visando a descrição do ambiente, mas com abertura para demais interpretações.”

Voz forte e olhar fixo para o público

Narrador: No fundo do mato violado nasceu Isaura, vítima de nossa gente. Era preta e filha das dores, da Maria das Dores. Isaura, nascida em casa grande, primeira geração da família Antunes não escravizada. Vinda da região onde hoje é Cesário Lange, veio de fazenda em fazenda oferecendo o que de melhor sabia fazer: trabalhar. Isaura foi lavadeira, cozinheira, fazia limpeza nas casas e até cuidava dos filhos dos patrões, mas logo se mudava porque ela não era gente de ficar em um lugar só, não. Sua casa era sempre onde tinha um bom terreiro por perto, mas por fim fez do Congonhal seu lar. Lá fez família: José, João, Abdulázio, Lázaro e Natália.

Entonação de questionamento, perguntando de um para outro.

E agora vocês? Quem são? É com H ou sem H? Tem Y? Diz que são ruim que nem urutu, gente brava que só Deus. Uma névoa densa de dúvidas encobre meu passado e ofusca meu presente, uma agonia corrosiva corre em minhas veias, sinto um ímpeto insaciável de descobrir nossas origens.

Procuro atrás do capão de mato a nossa história, me perco nas palavras desencontradas dos meus antepassados. Versões e versões ao vento naufragam num mar de insegurança e acabam tragadas pelas matas empoeiradas dos caminhos. De qualquer forma, descobrir a origem de uma família tão dispersa e distante é um trabalho hercúleo, são serpentes atadas em um nó, embrenhadas em um mistério. Cada cabeça é um enigma: se cortamos uma, logo aparecem duas. Nós, gente de Idra, estamos espalhados por todos os lados, mas presos à mesma origem desconhecida, como várias serpentes ligadas a um só corpo. A maior parte de nós vive no mato, Idra por todo Congonhal.

Nasci pra ser caipira, nasci pra ser mateiro, Congonhal uniu Idra e Antunes. Forjados no mato, atrás do canavial, abaixo dos Ypês e acima da areia. Somos a união da esperteza das serpentes e malandragem dos terreiros.

Léo Idra é estudante de Artes Cênicas pelo Conservatório de Tatuí. Apaixonado por escrita e literatura brasileira, seu gênero favorito são as crônicas e publica obras autorais para revistas coletivas digitais.



DETETIVE CATAPIMBA

Calebe

“Vale a pena perguntar: qual a história que deseja contar e como pretende fazer e acabar isso? O tema é bom e pode ser ampliado na peça, procurar a raiz das coisas é algo que todos buscamos, isso pode ser engraçado e triste, gostamos de experimentar sensações no teatro, a história pode ir além e ganhar outras cenas, com uma estrutura de começo, meio e fim que não precisa respeitar essa ordem, as surpresas e confusões são ótimas para prender a atenção do público e também os diálogos curtos e objetivos. Vale a pena investir no humor e na crítica, nas emoções que o personagem pode viver e nas ações que pode e deve realizar ao longo da dramaturgia. Parabéns pelo trabalho e siga escrevendo sempre que for possível!”

Cristiane Sobral
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

PROJETO

“Esse projeto surgiu a partir dos vários cenários que eu crio em minha mente. Tive inspiração a partir de alguns programas de comédia. Imagino o resto da história mostrando o detetive trabalhando no Sindicato das Comissões Investigativas, resolvendo mistérios e fazendo de tudo para conseguir realizar seu sonho de ser entrar para o SIC Sindicato das Investigações Comandantes.”

DETETIVE: Olá, como vão? Meu nome é Catapimba. Detetive Catapimba.

Bem... eu amo a minha vida, amo as pessoas, amo tudo. E as pessoas me amam também. Eu acho.

Uma vez uma mulher me chamou de estúpido e horroroso. Não sei o que significa, mas acho que foi um elogio.

A galera me chama de várias coisas, tipo: feio, horroroso, estúpido, monstro mais feio do mundo e coisas assim. Será que são elogios?

Meu primeiro caso como detetive foi há quatro anos. Eu tive que salvar uma mulher dos seqüestradores . Consegui salvá-la e prendi os bandidos. No final, ela meteu a mão na minha cara (eu acho que o nome disso é tapa) e disse que eu devia me envergonhar de ser tão feio assim. Será que foi um elogio?

Não sei.

A coitada devia ser muito esquecida, pois não se lembrou de me pagar. E quando fui cobrá-la, ela me bloqueou no celular. Deve ter sido sem querer, coitadinha.

Enfim: eu amo ser detetive. E amo a minha vida.



Calebe é estudante de teatro e saxofone no Conservatório de Tatuí. Tem 11 anos e sonha ser ator. Gosta muito de escrever e já escreveu muitas dramaturgias, que deseja ver lidos, encenados e assistidos.

DOIS HOMENS MORTOS

Antônio Garcia

“A dramaturgia é estruturada em um diálogo muito consistente, do ponto de vista da forma, e surpreendente no conteúdo. Qual é o sentido da vida?, é uma pergunta que somos forçados a nos fazer, a cada vez que a morte se apresenta para levar um dos nossos ou a nós mesmos. Uma interpretação do texto sugere que podemos modificar a indagação: quais são os encantos da vida que não nos deixam morrer? Vamos encontrando respostas na discussão subjacente sobre processos de construção de masculinidades que, ao longo da vida, tolhem a inteireza humana das personagens, e dos homens, de um modo geral.”

Cidinha da Silva
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

Peça idealmente montada em arena, começando com um ator de costas para o outro, com duas cadeiras diagonalmente opostas. Na frente das cadeiras, duas bacias de alumínio com pedrinhas de construção usadas para fazer concreto.

CENA I

Ambientação: Ponte escura à noite.

Homem 1 está sentado na mureta da ponte, fumando. Ele olha para baixo, em seguida se levanta ficando em pé na mureta e se alongando, como se preparando para um salto. Ele se assusta com o barulho de um saco sendo arrastado e quase cai da ponte. Vira-se e vê, entrando na ponte, o Homem 2, que arrasta um saco pesado.

HOMEM 1: Porra, velho!

HOMEM 2: Te assustei?

HOMEM 1: Pra caralho.

HOMEM 2: Me desculpe, é que eu tava passando...

HOMEM 1: Tá... tá perdoado!

Ficam parados onde estão, em silêncio. Olham-se vez ou outra por um tempo, até que o silêncio se torne incômodo.

HOMEM 1: Vai ficar aí parado, me olhando? Pode continuar cruzando a porra da ponte.

HOMEM 2: Estou esperando você sair daí.

HOMEM 1: Eu cheguei aqui primeiro, sai você daqui.

Homem 1 desce da mureta da ponte para o mesmo plano de Homem 2.

HOMEM 2: A ponte é pública, eu tenho tanto direito de estar aqui quanto você.

HOMEM 1: E para que você quer que eu saia?

HOMEM 2: Não é da sua conta.

HOMEM 1: Pois eu não vou sair daqui.

HOMEM 2: Tudo bem. Eu espero você terminar, seja lá o que tiver fazendo.

HOMEM 1: Cara chato da porra! Não vou terminar porra nenhuma enquanto você estiver aqui, assistindo.

HOMEM 2: Você vai se matar, né?

HOMEM 1: Cuida da sua vida, seu pau no cu do caralho. Vai, cai fora!

HOMEM 2: Eu vim cuidar da minha morte, mas você tá me atrasando

HOMEM 1: Ta gozando com a minha cara, né?

HOMEM 2: Não, eu vim aqui pra me jogar dessa ponte, mas você tá aí parado como um poste, não fode nem sai de cima. Presumi que veio fazer o mesmo. Só eu mesmo pra ser tão cagado assim, de vir aqui me matar e encontrar outro cara se matando na mesma ponte.

HOMEM 1 *(olhando pra cima como quem fala com Deus)***:** Eu não acredito numa merda dessas!

HOMEM 2: Eu to certo, não tô?

HOMEM 1: Pior que tá...

HOMEM 2: Se já ia pular da porra da ponte, por que diabos você se assustou?

HOMEM 1: Sei lá, só não tava esperando ninguém aqui a essa hora da noite.

HOMEM 2: E o que a gente faz agora? Você se mata primeiro e depois eu me mato?

HOMEM 1: Ah, nem fudendo que eu vou me matar na sua frente.

HOMEM 2: Por que não?

HOMEM 1: Porque não quero nenhum voyeur assistindo a minha morte. Pode se matar primeiro, fica à vontade...

HOMEM 2: Eu também não quero me matar na sua frente. (pausa) Oh, você chegou primeiro, a vez é toda sua.

HOMEM 1: Não seja tímido: pode se matar primeiro, eu faço questão.

HOMEM 2: Já que não vamos sair desse impasse, e se a gente se matar junto?

HOMEM 1: Você vai só se jogar e pronto?

HOMEM 2 *(Tirando uma corda e uma pedra de dentro do saco, como quem apresenta uma grande ideia)***:** Não, eu vou amarrar essa pedra no pescoço e jogar ela no rio. Como eu sei nadar, é uma segurança, caso eu seja tomado por algum instinto de sobrevivência e tente sair desse rio. E você?

HOMEM 1: Acho que não pensei direito em todos os detalhes.

HOMEM 2: Essa corda é grande. Acho que dá pra amarrar no seu pescoço também, se você quiser.

HOMEM 1: Nem fodendo. Depois acham os nossos cadáveres juntos, amarrados na mesma corda num rio, vão pensar que somos dois amantes que se mataram juntinhos!

HOMEM 2: Que diferença faz o que acham de nós depois de mortos?!

HOMEM 1: Você que tá com essa palhaçada de querer morrer comigo!

HOMEM 2: Vamos lá, você veio aqui pra se matar, eu vim aqui pra me matar, nenhum de nós dois quer ser visto pelo outro fazendo isso... seu plano pra se matar é uma bosta, eu te dou uma solução e você não quer. Sabe o que eu tô achando? Tô achando que você não tem culhão pra se matar e fica aí, arrumando desculpinha esfarrapada.

HOMEM 1: Eu já taria morto se você não tivesse aparecido aqui pra atrapalhar. Tu tem uma cara de empata foda do caralho e agora ta empatando minha morte.

HOMEM 2 *(tirando uma faca da cintura)***:** Já que você não pensou direito na sua morte, eu vou te ajudar. Você corta os pulsos e pula no rio, assim você não vai conseguir nadar. Problema resolvido.

HOMEM 1 *(pegando a faca)***:** Vamos fazer o seguinte, você sai, eu me mato e daqui uma hora você volta.

HOMEM 2: Pra que cê precisa de uma hora pra se matar, se daqui pro rio não é nem um minuto de queda? Tá precisando criar coragem, amarelão?

HOMEM 1 *(acendendo um cigarro)***:** Eu só queria um tempo pra me despedir de mim mesmo.

HOMEM 2 *(após alguns segundos de silêncio)*: Me arruma um cigarro. *(Homem 1 passa o cigarro e o isqueiro para Homem 2, que dá uma tragada e começa a tossir)* Eu nunca fumei, mas acho que a essa altura do campeonato, essa é uma boa hora pra não precisar me preocupar com um câncer.

HOMEM 1: Eu tô com câncer, por isso vim me matar. E você?

HOMEM 2 *(constrangido e tentando quebrar o gelo)*: Chifre. Minha mulher me traiu me largou e fugiu com outro. Cai na cachaça, já era viciado em maquininha caça-níquel... aí a coisa só piorou e acabei morando na rua... Escuta... Cê tá com câncer mesmo?

HOMEM 1: Sim, começou na próstata, eu cheguei a operar, mas não arrancaram toda essa merda e agora espalhou pelo corpo todo. Tá generalizada, essa caralha. Eu vou me matar porque não quero sofrer; agora... você vai se matar por causa de mulher?

HOMEM 2: Vou me matar porque virei morador de rua e não quero virar mendigo. E mesmo que fosse só por causa de mulher, sofrimento é sofrimento, mesmo os diferentes.

HOMEM 1: Eu achando que você queria morrer juntinho comigo.

HOMEM 2: Vai tomar no cu!

HOMEM 1: Calma, cara, é só brincadeira.

HOMEM 2: E aí?

HOMEM 1: E aí o que, caralho?

HOMEM 2: Que merda que a gente faz agora?

HOMEM 1: Não sei. Pelo visto, você não vai me deixar me jogar em paz, nem eu vou te deixar passar na frente. Então eu não sei.

HOMEM 2: Puta que pariu, que azar do caralho esse nosso: qual a possibilidade de dois sujeitos pensarem em se jogar da mesma ponte, na mesma noite?

HOMEM 1: Azar do caralho, mesmo... e se a gente tirar no par ou ímpar quem se mata primeiro?

HOMEM 2: E se for no pedra, papel ou tesoura?

HOMEM 1: Deixa pra lá, puta ideia bosta tirar no par ou ímpar ou no pedra, papel e tesoura. Coisa de adolescente punheteiro jogando vídeo-game.

HOMEM 2: É, falando assim, parece meio idiota mesmo. E agora?

HOMEM 1: Qual foi a última vez que você comeu uma bucetinha?

HOMEM 2: Por que você quer saber?

HOMEM 1: Se vamos ficar fudendo a morte um do outro, eu pensei que a gente poderia ir no puteiro da Dona Tinga fuder coisa melhor e depois a gente se mata, cada um num dia.

HOMEM 2: Dona Tinga? Que diabo de nome estranho é esse? Não vou num puteiro que a dona tem um nome desses.

HOMEM 1: Dizem que o nome dela é Luciana e que o nome de guerra dela era Beatriz. Quando ela era novinha, estreante no meretrício, sabe? Até que um cliente se apaixonou por ela e quis tirar ela da zona, e ela não quis, ela gostava do dinheiro e da putaria. Ai o cliente, desiludido, começou a inventar que ela era uma quenga fedorenta e começou a chamar de Catinga. Ela, como era muito debochada, mudou o nome de guerra dela pra Tinga, só pra mostrar pro cara que ele não tinha poder sobre ela, Todo mundo passou a chamar de Tinga, aí ela foi ficando velha e virou dona Tinga.

HOMEM 2: Tá, até aí tá tudo bem, a puta velha parece ter dignidade. Mas você tá se esquecendo de uma coisa: eu sou sem-teto, lembra? Não tenho dinheiro pra ir no puteiro. Só se você pagar.

HOMEM 1: Eu tô duro também, o justo era você pagar, já que atrapalhou os meus planos... hum... Já sei *(erguendo a faca que o Homem 2 entregou)*: no caminho para o puteiro da Dona Tinga a gente passa por uma rua que tem uma biqueira.

HOMEM 2: Cê ta louco caralho,quer fazer o que na biqueira uma hora dessas?

HOMEM 1: Não imbecil, tô tentando te contar um plano pra gente conseguir dinheiro com assalto...

HOMEM 2: Comeu merda? Cê quer assaltar logo o traficante?

HOMEM 1: Não, o traficante não, babaca, que eu não sou louco. Mas sempre tem algum boyzinho que passa a pé ao invés de ir de carro... a gente assalta o arrombado usando essa faca.

HOMEM 2: Eu nunca roubei, não vou começar agora.

HOMEM 1: Eu também nunca roubei ninguém, mas o que a gente tem a perder agora? A gente ia se matar até poucos segundos atrás, o único pecado sem perdão. Deus vai perdoar um assalto pra comer umas bucetinhas pra comemorar essa nossa linda amizade. *(rindo)* Essa amizade de bosta, que só me fudeu a vida. Quero dizer: a morte. Tu não concordou comigo em porra nenhuma até agora, vai ter que concordar comigo pelo menos nisso,

HOMEM 2: Cara, eu não vou assaltar ninguém, não.

HOMEM 1: Deixa de ser frouxo caralho.

HOMEM 2: Frouxo o caralho. Eu só não acho certo.

HOMEM 1: Bem, cê não vai, mas eu vou.

HOMEM 2: Não vai não, que a faca é minha!

HOMEM 1: Tenta tomar que não vai mais precisar cometer suicídio...*(Homem 2 avança para cima de Homem 1, que mesmo com a faca, se afasta para trás)* Espera...Eu tenho uma proposta melhor pra te fazer: você tá sem um teto pra dormir... você vem comigo fazer esse assalto, a gente só assalta se aparecer alguém com cara de rico, vai no puteiro da dona Tinga e aproveita um pouco a vida, depois você pode dormir lá em casa. Pelo menos vai ter um teto uma última noite antes de se matar. Amanhã cedo você vai embora e cada um de nós segue com a sua morte. Se o otário assaltado for rico, o dinheiro nem vai fazer falta.

HOMEM 2: Acho muito difícil um playboy ir a pé na biqueira.

HOMEM 1: Sempre tem um Playboy que para o carro longe da biqueira pra não chamar a atenção da polícia. A gente pega o otário no meio do caminho.

HOMEM 2: Eu vou poder tomar banho e tudo na sua casa?

HOMEM 1: Vai.

HOMEM 2: Ah, Foda-se... eu vou aceitar, eu mereço uma ultima boa noite antes de morrer.

HOMEM 1 *(estendendo a mão para o Homem 2)*: Se vamos ser comparsas, precisamos saber o nome um do outro... prazer: José Plínio!

HOMEM 2 *(apertando a mão de Plínio)*: Caralho, até nisso? Prazer... José Nelson.

A partir desse momento, Homem 1 será chamado de Plínio e Homem 2 de Nelson.

PLÍNIO: Vamos! *(Nelson guarda a pedra e a corda dentro do saco)* Deixa essa merda aí.

NELSON: E como é que eu vou me matar depois?

PLÍNIO: Tá bom, pega essa merda e vamos. A gente esconde isso em algum lugar no caminho.

Nelson, com muito esforço, coloca o pesado saco nas costas e sai seguindo Plínio. Luzes se apagam.

PLÍNIO: Eu te prometi um teto pra dormir... *(apontando para cima)* Teto, *(apontando para Nelson)* Sem-teto. Sem-teto *(apontando para o teto)*, Teto. Agora deita em qualquer lugar e dorme.

NELSON: Não sei se vou conseguir, estou tão elétrico, me sentindo tão vivo...

PLÍNIO: Desistiu de se matar, então?

NELSON: Não desisti, não. É bom se sentir vivo, mas se sentir vivo é uma ilusão: amanhã eu acordo e volto a não ter teto, continuo sendo corno, continuo sem dinheiro.

PLÍNIO: O lance do dinheiro é fácil de resolver... é só a gente assaltar de novo - e nem vem com falso moralismo que eu vi a sua satisfação quando assaltamos o boyzinho, tu é todo frouxo, mas naquela hora tu virou macho, falou grosso, até riu quando o muleque se mijou, deu tapa na cara e tudo.

NELSON: O pior que é verdade! Eu coloquei pra fora tudo que tava engasgado em mim, toda raiva da vida, toda a frustração, toda dor da traição e do abandono. A SORTE DAQUELE MOLEQUE FILHO DA PUTA É QUE A FACA TAVA NA SUA MÃO, se não ele tava morto essa hora!!!... *(para si mesmo)* É meio assustador perceber isso... *(para Plínio)*. E você, desistiu de se matar?

PLÍNIO: Não, eu ainda tô com câncer, essa merda ainda vai piorar, eu ainda vou morrer, eu tô desempregado, com aluguel atrasado, só esperando a ordem de despejo. Fui vendendo os móveis pra pagar o aluguel, até acabarem os móveis. Mas não preciso ter tanta pressa.

PLÍNIO: Se você topar continuar nossa parceria no crime, deixo você ficar aqui até sermos despejados.

NELSON: Amanhã cedo conversamos sobre isso.

PLÍNIO: Tá bom. *(deitando no chão)* Boa noite.

NELSON: A Berenice fode gostoso?

PLÍNIO *(sentando)*: Fode gostoso pra caralho.

NELSON: Ela gosta de forró, né? Vi que vocês dançaram um bom tempo antes de ir para o quarto. E vi que todas as meninas queriam dançar com você, só a Solange me deu atenção.

PLÍNIO *(rindo)*: E a Solange é feia pra caralho! A Berenice adora dançar e,modéstia a parte, eu danço tão bem quanto eu meto. Uma mulher sabe que um homem trepa bem quando ele dança bem.

NELSON: Você me ensina?

PLÍNIO: Trepar?!

NELSON: Não, caralho... dançar forró!

PLÍNIO: Eu não, sai fora.

NELSON: O que é que custa?

PLÍNIO: Custa que não vou ficar ensinando macho a dançar, ainda mais dança que se dança agarradinho.

NELSON: Tá com medo de se apaixonar pelo gostosão aqui, é?

PLÍNIO: Vai tomar no cu, eu não vou te ensinar porra nenhuma. Já falei que não quero ensinar dança que se dança agarradinho!

NELSON: Porra Plínio, caralho! Não custa nada você me ensinar... vamos fazer assim: você me ensina a dançar e eu continuo te ajudando nos assaltos.

PLÍNIO *(se levantando do chão)*: Você não vai me deixar dormir enquanto eu não te ensinar, né?

NELSON: Você não me deixou morrer, eu não te deixo dormir sem me ensinar a dançar forró.

PLÍNIO: Tá, vem cá. *(tira um celular do bolso, escolhe e liga uma música)* Primeiro eu vou te conduzir, depois... presta atenção... depois você me conduz.

Eles começam a dançar forró. Plínio com desenvoltura; Nelson, todo duro e desengonçado.

PLÍNIO: Se solta, caralho! Pra dançar tem que ter gingado.

NELSON: Tô me soltando...

Eles continuam dançando.

PLÍNIO: Presta atenção no que eu to fazendo.

NELSON: Tô prestando...

Dançam até que a música acabe. Começa outra música.

PLÍNIO: Agora você conduz.

Eles invertem a condução dançam um pouco até que Plínio dá um empurrão em Nelson, que cai no chão.

PLÍNIO: CÊ TA DE PAU DURO, FILHO DA PUTA!

NELSON: Desculpa, é que você tá com o cheiro da Berenice ainda, faz tempo que eu não sentia esse cheiro sagrado de suor de fêmea.

PLÍNIO: Conversa fiada, tu comeu a Solange hoje.

NELSON: ELA NÃO TEM O CHEIRO DA BERENICE!!!

Plínio desliga a música.

PLÍNIO: Conversa fiada, essa sua...

NELSON: Vai tomar no cu, Plínio, se eu gostasse de macho tinha condição de conseguir coisa melhor que você.

PLÍNIO: Tinha, porra nenhuma, quem que ia querer um mendigo fedorento que nem você?

Nelson pega sua sacola com a pedra e a corda e coloca nas costas, indo em direção à saída da casa.

PLÍNIO: Espera, não precisa ir embora, é só não tentar me comer de novo. Eu fiquei puto, mas já te perdoei, dorme aí.

NELSON: Eu não te entendo. Primeiro me agride, depois quer que eu fique.

PLÍNIO: Eu te prometi um teto pra dormir, eu tenho que cumprir.

NELSON: Você só quer um parceiro de assalto, porque eu tenho a faca, né? Pode ficar com a faca.

PLÍNIO: Não vou mentir... é isso mesmo, mas não é só pela faca. De dois eu me sinto mais seguro, tem muita gente louca nesse mundo sem nada a perder.

NELSON: Tipo a gente... você tá com medo de encontrar uns perturbados igual a gente?

PLÍNIO: Vamos ser sinceros? Não somos humanos da melhor espécie. Cedo ou tarde a gente volta pra merda daquela ponte e acaba se matando. Só acho que até lá podemos ter uma vida menos miserável. Não vou mentir para você: se eu tivesse um berro ao invés de uma faca, eu ia tá cagando pra você. Mas eu preciso de você, e você de um teto. Tá tão tarde que tá quase cedo, Dorme e quando acordar, se ainda quiser ir embora, pode ir.

NELSON: Eu vou ficar, mas só porque eu tô cansado. E se eu resolver ficar amanhã, não quero mais ficar ouvindo essa história de forró, você tá com o cheiro da Berenice e ela é muito gostosa, ai eu lembrei dela, só isso. Eu pedi pra você me ensinar a dançar porque eu tive inveja da atenção que te deram lá na dona Tinga. Eu nunca tive esse tipo de atenção na vida.

PLÍNIO: É só eu não te ensinar mais a porra do forró, que não tem mais rolo na nossa parceria. *(acende um cigarro e oferece outro a Nelson, que aceita)* Inclusive, sobrou uns trocados do assalto, amanhã vamos comer pão e mortadela, no café da manhã... fazia tempo que eu comia só o pão dormido que pedia na vendinha no fim da rua, o português já tava pegando até ranço de mim. *(posiciona um cinzeiro entre eles)* Depois do café, você decide o que quer fazer.

NELSON: Toda manhã eu varria o salão e a calçada e lavava o banheiro de uma lanchonete lá na avenida e ele me dava um café e um pão sem manteiga. Às vezes, quando eu me humilhava muito, ele me dava um corotinho.

PLÍNIO: A gente tem tomado no cu, né, meu amigo?

NELSON: Tem, mesmo. *(Os dois permanecem um tempo em silêncio, fumando. Nelson demonstra estar inquieto e pensativo)* E como funcionaria essa nossa empreitada? A gente assaltaria sempre no mesmo ponto perto da boca?

PLÍNIO: Não, ali ficaríamos manjados e os traficantes poderiam vir pra cima da gente. Precisamos ficar revezando os pontos. Pode ser de noite, em parques: tem casais de namorados que ficam distraídos na pegação... casais podem ser bons, mas acho mais seguro assaltarmos mulheres, mulheres descendo de pontos de ônibus, talvez.

NELSON: Mulher em ponto de ônibus é mais seguro...

PLÍNIO: Então isso é um sim?

NELSON: Ainda não decidi nada, mas preciso saber no que tô me metendo. Mais cedo eu tinha certeza de que agora estaria morto no fundo de um rio... agora tô cogitando virar um assaltante.

PLÍNIO: Virar assaltante você já virou. O que você tá pensando agora é se segue carreira ou não. E pelo que eu vi hoje, tu leva jeito pra coisa. Também acho que deveríamos separar um dinheiro pra comprar um berro, mais seguro assaltar de berro, malaco de berro é mais respeitado.

NELSON: Nós nem começamos e você já quer me tirar da jogada?

PLÍNIO: Claro que não.

NELSON: Como não, agora pouco mesmo você falou que se tivesse um berro ia meter o cano sozinho.

PLÍNIO: Isso foi naquela hora, agora é agora. Se vamos trabalhar juntos, precisamos expandir "a empresa".

NELSON: Você precisa decidir se quer se matar ou expandir "a empresa".

PLÍNIO: Eu sei lá. O que eu quero, eu ia morrer, ai tu apareceu, por hoje o plano mudou um pouco, eu tenho uns nove meses de vida, eu posso ir curtindo até começar a piorar. Depois eu me mato. Ai, se você desistir de se matar você continua com "a empresa".

NELSON: Assaltante ltda. Me.

PLÍNIO: O que?

NELSON: Estamos falando de assalto como se fosse um empreendimento, eu só brinquei com isso.

PLÍNIO: Vamos dormir... tô pregado, amanhã a gente vê isso.

NELSON: Boa noite.

Áudio depoimento masculino número 1: Quando eu era criança, eu uma vez cheguei em casa, é... e eu tinha apanhado do meu amigo, da escola. Cheguei pro meu pai, né, e falei que tinha apanhado. Aí meu pai, na hora que ele ouviu isso, ele me deu um socão na cara. Aí eu não entendi, eu fui tentar abraçar e ele me bateu e ele me falou assim:"por que que cê não revidou? Por que eu não dei na cara do menino? Que agora eu ia apanhar pra aprender a ser homem". Desde esse dia eu nunca mais consegui abraçar meu pai, por que eu fiquei com raiva. E no dia seguinte, quando eu cheguei na escola, eu dei um soco na cara do menino, com toda a minha força. O resultado é que hoje eu tenho dificuldade de expressar a minha raiva.

Enquanto o áudio toca, os atores brincam com as pedrinhas da bacia, como se fossem crianças.

CENA III

Plínio e Nelson entram eufóricos. Plínio traz uma mochila na mão, abre-a e mochila e despeja sobre o colchão várias notas e celulares. Nelson está bebendo uma garrafinha de Corote.

PLÍNIO: Se todo dia for assim, logo a gente sai dessa merda de casa e vai para um cafofo melhor.

Nelson pega um colar de artesanato no meio dos frutos do assalto.

NELSON: Até agora eu não entendi o porquê você pegou esse colar. Essa merda é artesanato, a gente não vai conseguir merda nenhuma nisso.

PLÍNIO: Isso é uma lembrancinha pra Berenice.

NELSON: Tá apaixonadinho, é? Minha ex nem era puta profissional, era só amadora mesmo e já meteu galha na cabeça, imagina a Berenice...

PLÍNIO: Apaixonado o caralho, ela trepa bem, merece um agrado... não tá me custando nada mesmo.

NELSON: Os celulares e o relógio a gente vai vender onde?

PLÍNIO: Tem uma feirinha do rolo de domingo, perto da Dona Tinga.

NELSON: Não acho seguro chegar lá com tudo de uma vez, chama atenção. Melhor a gente levar no centro, em alguma lojinha de concerto.

PLÍNIO: Amanhã a gente pensa nisso. Hoje os pontos de ônibus renderam, amanhã é melhor a gente ir no parque.

NELSON: De acordo... (Nelson acende um cigarro e se senta no chão) Plínio, o que você fazia antes da ponte, antes de ficar desempregado?

PLÍNIO: Eu era ajudante de marcenaria. E antes disso eu fui vaqueiro no interior.

NELSON: Vaqueiro? Cê tá me zuando, né?

PLÍNIO: To nada, eu fui vaqueiro até os 16 anos, mas eu odiava aquela merda. Aí vim pra capital. E fui trabalhar em marcenaria. Trabalhei em várias marcenarias. Na última eu comi a mulher do dono, aí o filho da puta me deu uma surra e me meteu uma justa causa.

NELSON: Se soubesse que era talarico tinha te deixado se matar em paz, depois eu voltava.

Plínio mostra o dedo do meio para Nelson.

NELSON: E você não meteu o cara no pau, não?

PLÍNIO: Passei um ano comendo a mulher do cara, ficou como direito de casa. A merda foi a doença... quando soube, desandei na vida. Não tem pra que procurar emprego se vou morrer, E você? Faz o que dá vida, além de ser corno?

NELSON *(rindo como se fosse um idiota)***:** HA HAHA, MUITO ENGRAÇADO... eu era contador. 20 anos na mesma empresa. Me pagaram tudo direitinho, gastei tudo com cachaça e jogo... Maquininha caça-níquel... eu já jogava antes, mas quando fiquei desempregado, cada dia no bar era com uma noite em Las Vegas.

PLÍNIO: Se quiser jogar e beber a sua parte, fique à vontade, mas tem que deixar a parte do aluguel. E temos que separar a grana do oitão. Primeiro compramos uma, depois outra. Temos que estar os dois trepados, quando estivermos os dois trepados a gente começa a fazer taxista e comerciante.

NELSON: Caralho, tu tem apetite pro crime, nem parece que vai morrer logo.

PLÍNIO: Vou sim, mas até lá vou fazer o inferno neste mundo. Do jeito que você fala, parece que é santo, mas quando a gente tá lá fazendo o serviço, quem vira o demônio é você.

NELSON: Tá no inferno, abraça o capeta.

Plínio caminha até Nelson e lhe dá um abraço. Os dois caem na gargalhada.

PLÍNIO: Vamos dividir a grana e dormir.

Áudio depoimento masculino número 2: Quando eu era criança, eu fui criado numa casa com um quintal muito grande, tinha várias casas nesse quintal, todas com pessoas da minha família. E eu tinha várias primas e eu fui criado brincando com elas, a gente brincava de futebol, brincava de boneca, a gente não tava preocupado se a brincadeira era de menino ou de menina, a gente só queria brincar e se divertir. Uma tarde, meu pai chegou em casa, eu tinha uns 4 ou 5 anos, e ele me viu brincando de boneca com as minhas primas no quintal. Ele olhou para mim e disse "entra agora!". Quando eu entrei em casa, ele virou para mim e falou: "olha, eu não quero mais que você brinque de boneca com as suas primas, boneca é coisa de menina, menino não brinca de boneca. Você tá me entendendo?" Eu não tinha entendido nada, mas eu concordei que tava entendendo,e aí o tempo passou e a verdade é que eu continuei brincando de bonecas com as minhas primas e elas de futebol comigo. Eu não conseguia ver maldade naquilo, porque na verdade não tinha. Um dia meu pai chegou em casa de novo e me viu brincando de boneca e falou pra mim: "Entra em casa agora." Eu entrei e quando eu cheguei lá, ele começou a me bater, me bater, me bater, e me falou: "Olha, eu tô te batendo pelo seu bem, é melhor você apanhar de mim em casa do que de estranho na rua. Eu falei pra você não brincar de boneca, você brincou". Eu não entendi porque eu tava apanhando, mas eu sei que eu nunca mais quis brincar de boneca, nem de futebol, eu não queria mais brincar de nada com as minhas primas. Na minha cabeça, era o que tava me levando a apanhar.

Áudio depoimento masculino número 2: Então eu cresci um cara que não veste rosa, porque é coisa de menina; não quer fazer, consumir ou assistir coisa do universo feminino; com muita dificuldade de interagir e me relacionar com mulheres; eu sei que na cabeça do meu pai, ele fez aquilo pelo meu bem, mas a verdade é que ele me fez muito mal.

Enquanto o áudio rola, os atores brincam com bonecas bebês, de forma carinhosa e afetuosa, até que no fim do áudio eles enterram as bonecas nas bacias de pedras.

CENA IV

Plínio e Nelson entram em casa. Nelson traz uma arma na cintura e a coloca em cima da mesa; ele também segura uma mochila e de dentro dela, pacientemente, retira uma pilha de dinheiro e alguns celulares. Ele tira um relógio feminino dourado. Plínio senta-se, exausto.

NELSON: Deixa eu adivinhar... esse relógio é para Berenice?

PLÍNIO: Se você já sabe,por que a pergunta?

NELSON: Cachorrinho de puta é foda!

PLÍNIO: Cachorrinho de puta é o caralho. E é o seguinte: no próximo assalto, eu fico com o berro.

NELSON: Se eu não posso comer a Berenice, você não pode segurar o berro. E outra: logo você vai morrer e o berro vai ficar pra mim mesmo.

PLÍNIO: Quando eu te conheci eu só tinha 9 meses de vida. 13 meses depois eu ainda tô aqui. Você não vai se livrar de mim tão fácil.

NELSON: Se livrando ou não de você, só fica com o berro quando eu comer a Berenice.

PLÍNIO: Você já come todas as outras putas daquele puteiro, pra querer comer a Berenice... até a dona Tinga tu já comeu.

NELSON: Comi porque ela me pagou. Quando uma puta ia pagar pra eu comer ela? E o pior é que a velha ainda dá um caldo.

PLÍNIO: Você não precisa da Berenice.

NELSON: Por que todos os outros clientes podem comer ela e eu não?

PLÍNIO: Porque você é meu amigo.

NELSON: Amigo?

PLÍNIO: Ou algo do tipo...a gente trabalha junto, mora junto, os outros eu não convivo.

NELSON: Quem te viu, quem te vê, héim? Eu vou quebrar esse galho pra você, mas a arma fica comigo. Quando a gente só tinha a faca, só você ficava com ela. Agora que temos o berro, só eu fico ele.

PLÍNIO: Você está mudado. Você nem queria entrar nessa vida, agora você se apegou a ela.

NELSON: Você que me arrastou para essa vida, agora não reclama... sabe, acho que nosso berro merece um nome... Berenice. Tá ai, vou chamar de Berenice, *(cheirando a arma como quem sente um perfume)*. Eu não toco a sua Berenice, você não toca a minha.

PLÍNIO: Tá combinado, babaca... e aí, onde vamos atacar amanhã?

NELSON: Eu estive pensando na sua ideia de roubar carros, acho que dá jogo agora que estamos trepados. A gente pode levar o carro com cuzão dentro e engata um sequestro relâmpago, já rapa a conta. A gente vai levar um dinheiro rápido.

PLÍNIO *(indo animado ao encontro de Nelson)*: Esse é o meu parceiro! Eu sabia que por trás daquele cara cheio de medo tinha um grandíssimo filho da puta. Vamos ganhar dinheiro, porra.

NELSON: Vamos comemorar. O Berro e o plano de crescimento da nossa humilde empresa.

Nelson caminha até o móvel com as bebidas e serve duas doses, entregando uma a Plínio. Eles brindam e viram a dose.

PLÍNIO e NELSON: À nossa!

PLÍNIO: Vamos deitar que daqui a pouco o Sol já nasce.

Eles se deitam. Após um curto silêncio, Nelson se levanta.

NELSON *(sussurrando alto)*: Plínio!

PLÍNIO: Que foi, porra? Vai dormir!

NELSON: Você me ensina a atirar?

Plínio se senta na cama.

PLÍNIO: Ai, caralho, agora pronto. Quer ficar com a porra da arma, mas não sabe nem atirar,... peraí, quer dizer que cê segurou a porra da arma o dia todo, enquanto a gente assaltava, sem saber atirar?

NELSON: Vai ficar de onda, porra? Eu não sei, mas aprendo, é só me ensinar que eu aprendo. Os otários que a gente fez hoje não sabiam que eu não sei atirar.

NELSON: Ah, vai a merda, fica de tiração porque eu não sei atirar, mas também não sabe atirar porra nenhuma? É um vacilão, mesmo!

PLÍNIO: Amanhã a gente pratica.

NELSON: Onde a gente vai praticar? Barulho de tiro chama atenção pra porra.

PLÍNIO: Puta, pior que é verdade. Deixa eu pensar... hum... já sei, depois de amanhã tem final de campeonato, vai ter muita bomba na hora do jogo, a gente vai naquele terreno baldio que tem atrás daquelas fábricas abandonadas e pratica. O barulho do tiro vai passar meio batido com os barulhos de bomba. Eu já tive um vizinho que todo ano novo dava uns pipocos pra cima e quase ninguém na rua percebia que o barulho era de tiro.

NELSON: Olha, até que não é uma má ideia.

PLÍNIO: Só não vai ficar de pau duro que nem quando eu fui te ensinar a dançar.

NELSON: Vá se fuder, porra. Onde dois não sabem,ninguém ensina.

PLÍNIO *(rindo)*: Tô zuando, cara.

Áudio depoimento masculino número 3: Eu lembro que quando eu saí com o meu irmão uma vez, a gente foi dar um passeio de carro, ai o meu irmão recebeu uma fechada de um carro e ele saiu todo bravo do carro pra discutir com o cara. Eu falei "não vai, Carlos, fica quieto, não vale a pena. Só que meu irmão era estourado pra caramba, né? Foi discutir com o cara, de repente o cara sacou uma arma e deu 20 tiros no meu irmão. 20 tiros. Eu apavorado, eu congelei, eu não soube o que fazer, eu fiquei em estado de choque. E foi a última vez que eu vi meu irmão. 20 tiros e o cara saiu rindo, como se não tivesse feito nada. 20 tiros.

Enquanto rolam os áudios, os dois atores fazem armas com os dedos, apontando para a plateia enquanto encaram as pessoas nos olhos.

CENA V

Nelson entra em casa assobiando alegremente, quando leva um empurrão de Plínio pelas costas.

NELSON *(tirando a arma da cinta e apontando para Plínio)*: Tá louco, porra?!

PLÍNIO: Louco é o caralho, filho da puta. Eu falei pra você não pegar a Berenice, você me falou que não ia pegar!

NELSON: Falei e não peguei *(abaixa a arma)*.

PLÍNIO: Não pegou, mas ficou se esfregando com ela dançando forró.

NELSON: E que porra que tem demais nisso, caralho? Foi só uma dança.

PLÍNIO: Só uma dança? Só uma dança? Você já ficou de pau duro dançando comigo que sou homem, porra,já esqueceu?

NELSON: Plínio, Plinio... você tá morrendo, eu vou te fazer o favor de ficar longe da Berenice, até você morrer pelo menos, depois é... *(faz o movimento que indica relação sexual, rindo).*

PLÍNIO: Vai tomar no cu, Nelson!

NELSON: Eu não entendo por que diabos você não admite que tá apaixonado por ela, toda hora é um tal de dar presentinho pra lá e para cá, é uma ciumeira do caralho, não pode nem dançar com a Berenice que já fica todo machão. Vai, ADMITE, admite que eu nunca mais nem converso com ela.Não precisa bancar o machão, não.

PLÍNIO: Eu estou apaixonado por ela sim, tô com os 4 pneus arriados.

NELSON: Arrancou pedaço?

PLÍNIO: Não.

NELSON: Mas se eu comer a viúva uma vezinha só antes de você morrer, tu não fica chateado não né? *(Plínio avança em direção à Nelson, armando um soco)* Eu tô te sacaneando, porra! *(rindo)* Vai descansar, caralho.

Plínio para no meio e desarma o soco. Em seguida, deita-se na cama, acende um cigarro e tosse bastante.

NELSON: Você vai acabar morrendo, caralho.

PLÍNIO: Eu vou morrer de qualquer jeito, esqueceu? *(Plínio olha o saco coma pedra e a corda de Nelson)* Porque você não jogou essa merda fora?

NELSON: Que merda?

PLÍNIO: Essa merda desse saco com a corda e a pedra.

NELSON: Saída de emergência... é bom saber que se tudo piorar de novo, eu ainda tenho essa saída.

PLÍNIO: Você tem a porra de uma arma agora.

NELSON: Eu gosto da ideia de terminar um ciclo, o ciclo que começamos naquela noite. Você ainda tá com a minha faca também se precisar.

PLÍNIO: Eu não quero mais morrer, estou muito mais perto da morte do que estava na noite que eu te conheci, e eu não quero mais morrer. Você me condenou a vida naquela noite.

NELSON: Qual foi o momento que você percebeu que não queria mais morrer?

PLÍNIO: Não tenho certeza, não sei se teve um momento, acho que foi algo que aconteceu aos poucos. Quando dei por mim, eu só queria continuar vivendo um pouco mais e mais e mais. E você?

NELSON: Eu ainda tenho a corda e a pedra.

PLÍNIO: Apesar disso, eu sei que você não quer morrer. Pelo menos, não por um bom tempo.

NELSON: Foi no nosso segundo assalto. O primeiro tínhamos feito por impulso, não planejamos nada direito e eu nem tinha certeza do que eu queria fazer. Mesmo assim eu me senti vivo como nunca tinha me sentido até então. Mas eu sabia que isso poderia ser só uma ilusão... mas no segundo, no segundo eu percebi que não era questão apenas de me sentir mais vivo: era sobre estar no controle da minha vida, sobre vida daquelas pessoas que a gente assaltava. Ao menos naquele momento, eu tinha um poder que eu nunca tinha tido, já não me importava mais se eu tinha sido corno, se eu tinha perdido tudo. Eu sabia que poderia tomar tudo de volta.

PLÍNIO *(batendo palmas)*: Puta que o pariu, para um contadorzinho de merda que tava com medo de assaltar, você é um dos melhores casos de transição de carreira que esse país já viu.

NELSON: Toma no cu, Plínio.

PLÍNIO: Vou, mas vou só amanhã, agora eu tô com sono.

Plínio e Nelson se deitam para dormir.

Áudio depoimento masculino número 4: Uma vez, quando eu terminei com a namorada, saí com um colega de trabalho, o Moacir, para poder desabafar do que eu tava sentindo e no meio do desabafo eu comecei a chorar, chorar, chorar E ele começou a falar que era por isso que a minha mina tinha me largado, que eu era frouxo, que homem não chora, homem não chora, muito menos por mulher. Ele falou: "sabe o que você precisa para melhorar? Comer umas bucetas. A gente vai no puteiro". Eu não tava a fim de ir e ele ficou falando "vamo, vamo, vamo", acabei aceitando ir, só que ele não tinha dinheiro para ir. Aí ele foi para a esposa dele, pediu dinheiro emprestado, que era para gente ir no bar que eu tava precisando de ajuda, fomos no puteiro... eu não consegui transar, subi pro quarto e não rolou pra mim, tava um clima super estranho, superdeprê, não era para eu tá ali. Até hoje eu tenho dificuldade de desabafar com outros homens, conversar sobre as minhas fragilidades, por conta disso. Alguns anos depois, o Moacir foi num puteiro, eu não tava junto nesse dia, mas ele foi no puteiro e passou um cheque sem fundo. O dono do puteiro ficou muito irritado puto e descobriu onde ele morava, e ele entregou... foi lá cobrar ele, encontrou a mulher dele e explicou a situação e a mulher dele largou ele, né, sabendo que ele ia no puteiro, descobrindo quem ele era. E ele começou a chorar como eu tinha chorado, só que assim, em nenhum momento ele admitiu que ele tinha errado, em nenhum momento ele refletiu como ele também tava num momento frágil, que ele tinha chorado como eu chorei. Ele não conseguia enxergar a realidade na qual estava inserido.

Enquanto rola o áudio, um dos atores joga uma corda para o outro e eles fazem um cabo de guerra, puxando a corda de verdade, rodando o palco em sentido horário. Porém o jogo estabelecido entre os atores é o de puxar e ceder para que nenhum dos atores ganhe a disputa.

CENA VI

Plínio e Nelson entram em casa, correndo desesperados, e falando alto.

PLÍNIO: Que caralho de merda você foi fazer, porra? Foi atirar logo no policial!

NELSON: Você que escolheu o cara pra gente assaltar, se eu não atirasse nele ele ia matar a gente!

Nelson deixa a arma em cima da mesa.

PLÍNIO: Como que eu ia saber que o cara era PM, o maluco tinha uma cara de professor de história maconheiro... caralho... Tomara que ele não morra!

NELSON: Tomara que ele não morra?! Cê comeu merda, filha da puta? Se ele sobreviver, vai vir atrás da gente pra nos matar.

PLÍNIO: Você não vai ficar com nenhum pinguinho de remorso de ter matado o cara, se o cara morrer?

NELSON: Antes da ponte, com certeza. Mas naquele dia, quando você me convenceu a fazer o assalto, você abriu uma jaula aqui dentro.

PLÍNIO: Eu te convenci a assaltar, não a matar pessoas.

NELSON: A ideia de termos uma arma foi sua. Não tô te reconhecendo, você me tornou o que eu sou hoje, e agora vem com esse papinho furado aí... o câncer ta te deixando mole.

PLÍNIO: Não, não é isso, eu só não quero a polícia atrás da gente.

NELSON: Se o cara não morre, aí que a polícia vem atrás da gente.

PLÍNIO: De qualquer forma, a polícia vem atrás da gente. Não vão deixar um colega morrer sem querer vingar.

NELSON: Nisso você tá certo, vamos ter que dar um tempo nos assaltos até a coisa esfriar.

PLÍNIO: Concordo.

NELSON: Vamos lá na dona Tinga, a gente precisa esfriar a cabeça, uma trocadinha de óleo vai aliviar o nosso estresse.

PLÍNIO: Hoje eu não tô afim.

NELSON: Como assim, não tá afim? Brigou com a namorada?

PLÍNIO *(acendendo um cigarro)*: Eu só não tô afim, só isso. *(começa a ter uma crise de tosse).*

NELSON: Cara, cê tá morrendo mesmo, para com essa merda.

PLÍNIO: Tá meio tarde pra isso.

NELSON: Há quanto tempo você fuma?

PLÍNIO: Desde os 13 anos.

NELSON: Nunca pensou em parar?

PLÍNIO: Já sim, mas ironicamente eu sempre pensei que me matar aos pouquinhos era melhor do que me matar de uma vez.

NELSON: E o que foi que te deixou brocha, foi o cigarro ou câncer?

PLÍNIO: Quem falou que eu tô brocha?

NELSON: Seu pau que tá gritando daí de dentro da sua cueca, porque pra você não querer ir comer a Berenice, só tendo ficado brocha mesmo.

PLÍNIO: Eu só não tô me sentindo bem hoje desde cedo, me sentindo meio febril, acho que é essa merda de câncer me matando mais um pouquinho.

NELSON: Bem, você não vai, mas eu vou, eu mando lembranças suas a Berenice.

PLÍNIO: Lembra o que você prometeu, fica longe dela, viu.

NELSON: Tá bom, tá bom *(baixando o volume da voz)*... mas acho injusto brocha ter ciúmes.

PLÍNIO: O que que você falou?

NELSON: Nada, não.

PLÍNIO: Cuidado na rua, fica esperto com o movimento da polícia. Não quero passar a pouca vida que me resta na cadeia... se você rodar eu rodo.

NELSON: Tá me chamando de cagueta?

PLÍNIO: Não, mas se os caras te pegam, te batem tanto, depois te jogam num pau de arara que você entrega até a sua mãe. Se alguém te bate muito, você abre o bico.

NELSON: Deixa de ser paranóico, ninguém vai me pegar.

Nelson sai deixando Plínio sozinho em casa, que começa a andar de uma lado para o outro por um tempo. Para, fica olhando para arma na mesa alguns segundos e, em seguida, caminha até ela, pega a arma e fica um tempo olhando para ela. Coloca a arma na cintura e sai.

Áudio depoimento masculino número 5: A maioria dos casos de suicídio é entre homens, porque muitas vezes os homens, eles tem uma puta de uma dificuldade de falar do que eles sentem, daquilo que eles têm medo, daquilo que gera insegurança.

Áudio depoimento masculino número 5: E tudo isso por uma questão de puro medo, puro machismo. De preconceito, do jeito que muitos homens são criados, e que gera um ciclo de violência sem fim. Então, muitas vezes, não se fala daquilo que se sente, e ao invés de se falar de tudo aquilo que se sente, tudo isso é revertido em porrada briga e raiva, em rancor e ódio. Tudo aquilo ou fica muito bem guardado lá dentro ou é solto como se fosse uma fera. É difícil. Com meu pai foi assim: ele nunca falava nada; ele chegava, perguntava se a gente comido, se a gente tinha feito a lição de casa, se a gente tinha escovado os dentes, mais nada. Um dia, chegando da escola, recebo a notícia de que meu pai morreu. Na verdade, ele tinha se matado, meu pai passou 30 anos sem falar aquilo que ele sentia, aquilo que gerava dor nele. Se ele tivesse falado, talvez a gente pudesse ter ajudado, talvez ele pudesse ter se ajudado. Mas ele não conseguiu.

Enquanto o áudio rola, um ator simula suicídio com uma corda e o outro com um revolver.

CENA VII

Plínio entra na casa, acende um cigarro e se deita na cama. Alguns segundos depois Nelson entra.

NELSON: Velho, você perdeu a melhor: um cara quis sair de lá sem pagar, foi uma confusão do caralho, a Nataly falou pra todo mundo que o cara ia lá pra tomar dedada. Aquele carequinha de bigode e óculos, que você fala que parece o corno que foi seu patrão na marcenaria. O Paulão da segurança deu uma pau nele, foi um Deus nos acuda!

PLÍNIO: Ah, legal.

NELSON: Legal? Foi do caralho!

Plínio fica calado e Nelson fica encarando-o por um tempo. Nelson, então, olha para a mesa e vê que a arma não está lá.

NELSON: Onde você guardou a arma?

PLÍNIO: Eu joguei ela no rio, aquele da ponte.

Nelson corre até Plínio e o arranca da cama, pegando-o pelo colarinho ou pela gola da camisa e colocando-o em pé.

NELSON: Você fez o quê?!

PLÍNIO: Eu joguei ela do rio, para sumir com a prova do crime.

NELSON: A gente tinha um acordo: eu não mexia com a sua Berenice e você não mexia com a minha Berenice.

Plínio se solta de Nelson batendo nas duas mãos dele. Nelson, então, dá um tapa na cara de Plínio. Eles começam a rolar no chão, se batendo.

PLÍNIO: Me solta, porra. Fiz isso para proteger a gente.

Nelson solta Plínio.

NELSON: Amanhã eu vou naquele puteiro e vou comer até o cu da Berenice, eu vou gozar tanto na cara daquela filha da puta que você não vai conseguir beijá-la no rosto sem mamar meu pau de tabela, tá me ouvindo, filho da puta?!

PLÍNIO: Sai da minha casa, agora!!!

NELSON: Sua casa o caralho, filha da puta! *(dá outro tapa na cara de Plínio)* Quando eu vim morar nessa merda, você não tinha nem papel higiênico pra limpar a porra do seu cu. Tudo que tem aqui agora a gente conquistou assaltando junto, então eu não vou sair porra nenhuma. Vai ter que me aguentar aqui, sim. E tem mais, não vamos dar tempo mais porra nenhuma. Amanhã cedo a gente vai voltar a assaltar, porque vamos ter que cobrir o prejuízo do berro. E outra: de agora em diante, a faca fica comigo, você não tem culhão pra segurar essa faca. Quem segura uma arma tem que ter culhão pra usar. Quando eu te conheci, ficava pagando de machão, me chamando de viado, o único viado aqui é você, que ficou em choque por causa do filho da puta do policial, que não ia pensar duas vezes antes de te encher de bala. Então, daqui pra frente, nossa parceria vai funcionar assim: eu decido quando e onde a gente assalta e quem a gente vai assaltar.

NELSON: E acabou isso de dividir tudo meio a meio, agora é 60 a 40, até a gente comprar outra arma ou até o câncer te levar pro capeta, tá me ouvindo?

PLÍNIO: Tá, calma, você tá muito nervoso. Eu entrei em choque e fiz merda, mas não precisa dessa raiva toda, não. A gente compra outra arma. Agora, a Berenice não tem nada a ver com isso. Você pode continuar morando aqui, se você me prometer que não vai comer a Berenice.

NELSON: Cê tá preocupado se eu vou comer a Berenice? Você é um gado de quenga do caralho, héim? Puta que o pariu! Tá bom, eu vou deixar seu criadouro de chifre fora disso. Mas cara, se você fizer mais alguma merda...

PLÍNIO: O que?

NELSON: Só faz. Ai você descobre!

PLÍNIO: Vai acontecer o que?

NELSON: Já falei, só faz que você descobre.

PLÍNIO: Não vai falar mesmo?

NELSON: Cara, não testa a minha paciência, você tinha me falado pra gente comprar a merda da arma e que quando você morresse a arma ficaria só pra mim. Aí você vai e me joga a merda da arma fora. Você quebrou o nosso acordo quando jogou a arma fora, agora tá implorando pra eu não comer a porra da sua puta. E ainda assim eu tô concordando. E tô sendo tão seu amigo, que ainda tô te avisando que se você fizer alguma merda vai pagar por ela. Aliás, eu não consigo entender como o Plínio, machão e viril, virou esse escravoceta do caralho.

PLÍNIO: Eu tô morrendo, porra, é isso que tá acontecendo comigo! Eu passei do ponto de querer morrer e tô me apegando naquilo que me faz sentir mais vivo. Eu não me importo de parecer um frouxo ou escravo de buceta, não ligo mais com o que os outros pensam de mim.

NELSON: Então você não se importa mais se acharem que você é viado?

PLÍNIO: Aí, não caralho. Tudo tem limite.

NELSON: Sabe o que eu acho? Que nada mudou, que você sempre foi frouxo, mas pagava de machão e agora tá se revelando. Porque se tivesse mudado mesmo, não faria diferença se acham ou não que você é viado. Se bobear, você só gosta da Berenice porque ela faz um fio terra em você.

PLÍNIO: Vai tomar no cu, Nelson. Tô me abrindo aqui pra você e tu fica aí de gozação com a minha cara?

NELSON: Se abrindo igual você abre esse cu canceroso pra Berenice dar dedada?

Plínio parte para cima de Nelson, que o empurra ao chão.

NELSON: Já te falei que não vou comer a sua quenga. Agora sossega esse cu ai, já parei com a brincadeira . Vamos dormir, que amanhã temos muito assalto pra fazer, vamos dar uma trégua nessa briga toda que ela não é boa pros nossos negócios. Você ainda precisa de mim e eu de você. *(estende a mão para ajudar Plínio a se levantar)*

PLÍNIO *(aceitando a ajuda)*: De acordo, só vamos mudar a área amanhã, porque a polícia deve tá na nossa cola por causa do cana que tu baleou.

NELSON: Concordo. Bem eu vou dormir, até amanhã.

Nelson se deita na cama e Plínio senta-se na cama.

PLÍNIO: Boa noite.

Plínio acende um cigarro e fica observando Nelson dormir. Depois de um tempo, caminha até a saco com a pedra e retira a pedra, sente seu peso e caminha até Nelson. Vai golpeá-lo, mas desiste e devolve a pedra à sacola.

Áudio depoimento masculino número 6: Raiva é um sentimento muito complicado, a gente é ensinado a não falar sobre a raiva, a não falar sobre o que gera essa raiva. Muitas vezes a gente é ensinado a canalizar a raiva devolvendo mais raiva e numa dessas a gente acaba matando ou machucando alguém. Uma vez eu tava no colégio, tinha um moleque que me enchia o saco, vivia me colocando apelido, vivia pegando as minhas coisas e teve um dia que eu me enchi e acabei dando tanta porrada, tanta porrada, tanta porrada, tanta porrada... que o diretor teve que me segurar pra eu não matar o moleque. Ele quase morreu. Eu bati com tanta força, que ele teve traumatismo craniano e foi para o hospital, uma ambulância veio buscar ele, ele ficou 10 dias em coma e eu fiquei apavorado. Eu não tinha entendido direito o que eu tinha feito, mas o que eu fiz poderia ter matado esse menino.

Enquanto rola o áudio, um dos atores para no meio do palco, enquanto o outro o rodeia para atacá-lo, mas se contém. O ator parado, então, empurra o outro ator, provocando-o.

CENA VIII

Plínio está sentado em uma cadeira, fumando, com uma garrafa de cachaça em cima da mesa e a pedra ao lado da garrafa. Nelson chega em casa e observa a cena.

NELSON: O que cê tá fazendo com essa pedra?

PLÍNIO: Nada.

NELSON: Como nada? Essa pedra não foi parar aí à toa.

PLÍNIO: E você, onde estava?

NELSON: Na dona Tinga... eu te chamei pra ir e você não quis. Falou que não tava se sentindo bem. Eu fui... mas e a pedra, tá fazendo o que aí na mesa?

PLÍNIO: Comeu quem?

NELSON: A gostosinha da Odete. Anda, fala o que a minha pedra tá fazendo aí na mesa.

PLÍNIO: Eu vi no jornal que aquele policial morreu hoje. Aguentou uma semana na UTI.

NELSON: Aquele filha da puta que se foda, era nós ou ele. Essa pedra é pra que? Resolveu se matar, de remorso?

PLÍNIO: Ele era viúvo, mas tinha duas filhas. A mais velha tá grávida, ele ia ser avô.

NELSON: Como nada? Essa pedra não foi parar aí à toa.

PLÍNIO: E você, onde estava?

NELSON: Como nada? Essa pedra não foi parar aí à toa.

PLÍNIO: E você, onde estava?

NELSON: Na dona Tinga... eu te chamei pra ir e você não quis. Falou que não tava se sentindo bem. Eu fui... mas e a pedra, tá fazendo o que aí na mesa?

PLÍNIO: Comeu quem?

NELSON: A gostosinha da Odete. Anda, fala o que a minha pedra tá fazendo aí na mesa.

PLÍNIO: Você fez o que com a Odete?

NELSON: Fudi, caralho, eu vou no puteiro fazer o que com puta? Cara, você tá muito estranho hoje, puta que pariu.

PLÍNIO: Engraçado, depois que você saiu, eu mudei de ideia e resolvi ir pra lá também. Eu perguntei de você para Odete e ela me falou que você tinha subido para o quarto com a Berenice.

NELSON: Bom, se você já sabe, não tem por que eu continuar com a mentira. Comi e não foi a primeira vez.

PLÍNIO *(levantando-se)*: Você tinha prometido!

NELSON: Você tinha falado que a arma ia ficar comigo e jogou ela fora. Estamos quites.

PLÍNIO: Em quais posições você comeu ela?

NELSON: Cara, você não quer saber disso.

PLÍNIO: Fala!!!

NELSON: Tem certeza que quer saber?

PLÍNIO: Fala caralho, já falei pra falar!!!!

NELSON: De quatro, de frango assado, papai-mamãe, já comi o cu, já fiz meia-nove, de ladinho, e já comi beijando na boca. Pode falar que já beijei seu pau de tabela, que foda-se. Ela tem a boca mais gostosa que eu já beijei na vida.

PLÍNIO: Mentiroso, a Berenice não beija ninguém na boca!

NELSON: Ela não beija você, que tem esse bafo de câncer que tá todo podre por dentro.

Plínio pega a garrafa e dá um gole grande nela.

PLÍNIO: Você não sente nenhum remorso por ser tão cruel comigo, que sou seu único amigo no mundo? Ou de ter tirado uma vida?

NELSON: Único amigo no mundo? Vai tomar no cu, Plínio. Desde que eu te conheci você só tentou me humilhar e me manipular pra fazer o que você queria. Eu só consegui tomar as rédeas da minha vida quando o câncer te corroeu por dentro. E sobre tirar um vida, nós já tivemos a merda dessa conversa antes, aquele puto não pensaria duas vezes antes de tirar a nossa vida, e eu nunca teria segurado uma arma se não fosse por você colocá-la na minha mão. Acorda! O que você esperava que aconteceria assaltando dia após dia, noite após noite? Uma hora alguém iria morrer, ou do nosso lado ou do outro. E fico muito feliz que do outro tenha sido um policial, muito feliz mesmo. A culpa do que eu fiz é tanto minha quanto sua, só que eu sou macho o suficiente para aceitar as conseqüências da porra do nosso oficio. Você ficava com papinho de crescer a empresa e os caralhos, mas nunca foi macho pra isso.

Plínio corre pra cima de Nelson. Eles se agarram um pouco, mas Nelson consegue derrubar Plínio no chão.

NELSON: Fica quietinho aí, seu corno, que eu ainda não terminei de falar. A Berenice me falou que faz tempo que você não fode, que seu pau não levanta mais, que você só sobe pro quarto e fica chorando falando que vai morrer. Corno e brocha, é isso que você é. Eu já fui corno, mas brocha eu nunca fui. E o mais desprezível, o mais vergonhoso, é você ficar com ciúmes de puta.

Plínio se levanta, tremendo de ódio.

PLÍNIO: Pode me chamar de corno, de brocha e da merda que você quiser, pode tentar me culpar por ter colocado a arma na sua mão... mas uma coisa você tem que admitir: sem mim, você não estaria vivo. Eu também não estaria vivo sem você, mas em breve eu estarei morto e você ia passar o resto da sua vida sabendo que me devia a vida. Eu ia me matar porque já estava pra morrer, mas você ia se matar por que é corno, esqueceu? Corno que se mata por causa de mulher, esse é você. Ou era, antes de eu te salvar.

NELSON: Eu já te falei que eu ia me matar porque não queria viver como mendigo!!! E por que ia passar o resto da vida?

PLÍNIO *(Plínio pega a pedra em cima da mesa)*: Agora você cala a boca, porque agora eu que não terminei de falar. *(Nelson pega a faca para se defender)* Além de salvar sua vida, eu dei um propósito pra ela, eu te dei um teto, você deve mais pra mim do que eu pra você. Só que antes do câncer me levar, eu vou corrigir o erro de ter atrapalhado o seu suicídio.

Plínio levanta a pedra na altura da cabeça e vai vagarosamente em direção a Nelson, que também vai em direção a Plínio.

NELSON: Pode vir que eu te furo!

PLÍNIO: Vem, pode vir, eu vou esmagar sua cabeça, vão ter que raspar seus miolos do assoalho!

NELSON: Vamos ver se não é brocha demais para isso!

PLÍNIO: Eu vou arrastar seu corpo pra aquela ponte, tudo vai terminar onde começou.

NELSON: Gostei da ideia, vou fazer o mesmo com você e terminar o ciclo.

PLÍNIO: Não, não vai.

NELSON: Não só vou, como depois que seu corpo afundar no rio, eu vou na dona Tinga comer a Berenice pra comemorar.

PLÍNIO: Quando chegar no inferno, mande lembranças minhas ao policial. Ele vai ficar feliz com o presente.

Eles avançam um para cima do outro, param quando vão ser atingidos mutuamente, caminham até as bacias, depositam a pedra e faca nas bacias de pedra. Voltam para perto um do outro e começam a se empurrar gradualmente, de fraco para o forte, repetidas vezes, até os atores ficarem cansados, se agarrarem, descerem ao chão — de costas um para o outro —, pegarem uma corda, amarrar no pescoço um do outro, e morrerem.

PLÍNIO: Desgraçado, filho da puta... vão encontrar nossos corpos e vão achar que somos dois amantes que se mataram juntinhos!

Plínio agoniza e morre.

FIM



Antônio Garcia é estudante de Artes Cênicas da Escola Livre de Teatro de Santo André. É autor de esquetes e peças encenadas pelos grupos com que trabalhou. Atualmente é artista da Cia da Fervura, junto com os artistas Vinicios Ribeiro e Cristiam Rodrigues.

FALSOS CRIMES NÃO COMOVEM OLHARES

Lyvia Mazziero

“O texto apresenta uma narrativa interessante, explorando a diversidade de personagens em um ambiente comum, como o interior de um trem. Os diálogos entre os passageiros oferece uma visão interessante das relações sociais e das diferentes perspectivas presentes na sociedade. A transição para o tema do crime acrescenta uma reviravolta surpreendente, destacando a dualidade entre a aparente normalidade da vida cotidiana e a violência subjacente. No entanto, a trama e sua diversidade pode ser desafiadora para alguns leitores, especialmente na transição entre os diferentes elementos da história.”

Adriana Afonso
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

O trem chega na estação. Entram várias pessoas, dentre elas: duas SENHORAS, um trio de ESTUDANTES, duas PROSTITUTAS, três TRABALHADORES uniformizados, um casal APAIXONADO e uma mulher sozinha, que estará de pé, ao centro de todos

APAIXONADA: Nossa! Que calor aqui!

APAIXONADO: Com você ao meu lado, impossível as coisas não esquentarem!

SENHORA 1: Essa juventude... perdida como sempre.

ESTUDANTE 1: Olha a velha falando dos caras, aí.

ESTUDANTE 3: Faltô um tricô em casa. *(risada)*

PROSTITUTA 2: É um cacete mesmo.

PROSTITUTA 1: Que que foi?

PROSTITUTA 2: Pirralhada sem noção, o que mais?

TRABALHADOR1 *(aponta para a Prostituta 1)***:** Olha que gostosa!

TRABALHADOR 2: Isso ai não é para o teu bico, não.

TRABALHADOR 3: É porque é para o de qualquer um. *(risada)*

Sinal do trem toca. Todos ficam em silêncio.

ALTO-FALANTE: *Próxima estação e ponto final: Cidade Luz, onde até os sonhos impossíveis se realizam para pessoas boas.*

ESTUDANTE 2: Que saco, tem chão essa merda, vou ficar a viagem inteira de pé.

ESTUDANTE 1: Fazer o quê? Não tem lugar. É isso ou sentar no meu colinho.

ESTUDANTE 3: Deixa de ser viado! Credo.

ESTUDANTE2: Eu não! Tô até mandando meus sinais para aquela ali *(aponta para Apaixonada)*.

ESTUDANTE 3: Tu é meio doido.

ESTUDANTE 2: Por que?

ESTUDANTE1: Caralho, sabia que tu era burro, mas nem tanto. Olha o cara ali do lado dela!

ESTUDANTE 2: Detalhes...

ESTUDANTE 3: Quero ver o detalhe que ele vai adicionar na suacara se continuar a ser um pervertido dando ideia na mina dos outros.

APAIXONADA: Quem é o meu amorzinho? Quem é?

APAIXONADO: Eu sou o seu amorzinho!

APAIXONADA: Meu amorzinho é um bom menino? Se for, ganha beijinho.

APAIXONADO: Seu amorzinho é um bom menino! Seu amorzinho é um bom menino!

APAIXONADA: Olha o beijinhooo *(beija o Apaixonado)*.

PROSTITUTA 1: Puta que pariu, eu odeio transporte público!

SENHORA 2 *(desdenhando)*: Trabalha de verdade, que você não pega transporte.

PROSTITUTA 1: Que nem você? Deu para o teu marido a vida inteira para não trabalhar e quer me encher o saco?

SENHORA 2: Sua vaca sem educação!

PROSTITUTA 1: Velha intrometida! Vai caçar o que fazer, vai!

Foco de luz na Mulher, todos se silenciam. Ela levanta os olhos do livro e olha para o público.

MULHER: Fazem alguns anos que eu pego esse trem. Cidade Luz! A cidade dos sonhos realizados! O paraíso que o filho de Deus foi capaz de criar, dizem por aí. Mas eu já ouvi essa história no passado, e para aqueles que se revoltaram contra Deus, tiveram um destino com outro nome. Mas cá entre nós... talvez não seja lá tão diferente para onde estamos indo.

Luz geral retorna e Mulher se volta novamente para o livro. Burburinhoss urgem e logo se calam.

TRABALHADOR 2: Como tá tua esposa?

TRABALHADOR 1: Pra que quer saber?

TRABALHADOR 2: Não posso ter educação?

TRABALHADOR 3: Perguntando da esposa do cara, do nada? Como tá a tua, então?

TRABALHADOR 2: Sei lá! E eu lá sei dessas coisas?

TRABALHADOR 1: Não tá sabendo da sua e quer saber da minha por quê?

TRABALHADOR 2: Que isso? Tá me estranhando?

TRABALHADOR 3: Volta para o papo da gostosa lá, que tava mais produtivo.

TRABALHADOR 2: E a tua, como ta?

TRABALHADOR 1: Por que tá tãointeressado na esposa de todo mundo?

TRABALHADOR 2: Por que cês não respondem nenhuma pergunta?

TRABALHADOR 3: Eu lá vou saber!

TRABALHADOR 1: Como se eu soubesse também.

ESTUDANTE 1: Mano, cês não sabem! Assisti um dos bons, ontem!

ESTUDANTE 3: Professora sexy?

ESTUDANTE 2: Cês só falam bosta, também...

ESTUDANTE 3: Cala a boca! Fala aí, parceiro.

ESTUDANTE 1: A parada é mais... agressiva, saca? Não é agressiva, qual a palavra? Intensa! O bagulho é mais intenso. A mina gritando "não", e o cara, tipo: "quer tacar mais forte, né?".

ESTUDANTE 2: Eu não vi esse. É novo onde a gente sempre vê?

ESTUDANTE 3: Agora ta interessado, né?

ESTUDANTE 2: Não enche, velho!

ESTUDANTE 1: Mano, não é nos de sempre. Eu tava mó entediado e pá, fiquei pensando em ver uma parada diferente. Dei umas pesquisas e tals, e esse site é mais embaçado, só que ele é bom. Tem de um tudo lá, dessas paradas mais... intensas. Sabe como é. Umas novinhas implorando, uma delícia.

Foco de luz na Mulher. Todos se silenciam. Ela levanta os olhos do livro e olha para o público.

MULHER: A cidade estava no lixo. Era o antro de tanta podridão. A própria latrina humana que os olhos desejam não ver. Mas estava ali, implorando por ajuda. Aparentemente, desejando um falso perdão. Então, tudo se foi. Um novo espaço que visava o belo e nunca o arcaico se ergueu das cinzas sombrias da Cidade Trevas de início. De repente, todos sorriam pelas ruas e esbanjavam a sutileza que ninguém nunca vira. O local se tornou o símbolo de esperança que todos achavam que não existia. "O bem vence o mal, é só querer", dizem eles. Engraçado, ouvia mais frequentemente que velhos hábitos não morrem.

Luz geral retorna e Mulher se volta novamente para o livro.

APAIXONADA: Quem é essa te mandando mensagem?

APAIXONADO: Tá olhando meu celular?

APAIXONADA: Tá respondendo minha pergunta com outra, idiota?

APAIXONADO: É minha prima! Tenha dó.

APAIXONADA: Só queria saber. Credo. Não se pode falar mais nada, que já gera terror.

SENHORA 2: Esqueci de te contar! Sabe aquela vizinha da rua de trás?

SENHORA 1: A dos gatos, com cara de nojenta?

SENHORA 2: Essa é da rua do lado. Tô falando daquela de trás, que se paga de beata de igreja.

SENHORA 1: Aquela que julga todo mundo, falando que vão para o inferno?

SENHORA 2: Isso! Essa mesma. Então... ouvi dizer por aí que ela tava dando para aquele velho feio e casado da esquina... e a esposa dele descobriu!

SENHORA 1: Mentira!

SENHORA 2: É verdade! E tem mais. Ouvi também que a esposa dele só desconfiou porque a safada largou a Bíblia dela na casa.

SENHORA 1: Eles faziam na casa?!

SENHORA2: É!! E pelo que me falaram, a esposa do cara deu com a Bíblia nos dois, até sangrar. Um deles até parou no hospital, qual que foi...?

SENHORA 1: E importa? Gente dessa laia deve se ferrar, mesmo. Espero que esteja toda esbofeteada no hospital.

SENHORA 2: Também acho. Fez pouco, até. Pena que a gente não viu, senão eu até batia junto!

PROSTITUTA 2: Nem te contei, assisti um filme esses dias...

PROSTITUTA 1: Do que?

PROSTITUTA 2: Era de terror. Ótimo! Tem um assassino e ele pega as pessoas distraindo elas com o cachorro dele. Então, ele faz altas coisas com elas. Teve uma mulher que ele arranca todas as unhas, os dedos e vai subindo, até ela morrer.

PROSTITUTA 1: Mas mostra?

PROSTITUTA2: TUDO! Cê tem que ver!

PROSTITUTA1: Eu tava assistindo uma série parecida, mas ao invés de um assassino, são dois. Um distrai e o outro sequestra. Eles vão cortando as pessoas pelos cantos e juntas.

PROSTITUTA 2: Cantos e juntas?

PROSTITUTA 1: É, tipo... entre os dedos, no sorriso, no sovaco... é como se tivesse desossando um frango, eu acho.

PROSTITUTA 2: Já desossou um frango antes?

PROSTITUTA 1: Credo, não, sou contra a violência. Mas as cenas são incríveis, totalmente realistas!

PROSTITUTA 2: Me passa o nome, vou assistir uns episódios ainda hoje.

Foco de luz na Mulher. Todos se silenciam. Ela levanta os olhos do livro e olha para o público.

MULHER: Depois que a paz foi instaurada, uma nova realidade se formou. Nega-se o passado selvagem, digno de horror! O bombem vence o maumal até o fim, e isso é o que deveria importar. Todos fechavam os olhos para um ontem incômodo de lembrar. Fico me perguntando se era por pesar ou apenas por uma vergonha vulgar.

Luz geral retorna e Mulher se volta novamente para o livro.

TRABALHADOR 3: Vocês viram o jogo ontem? Que coisa ridícula!

TRABALHADOR 2: Minha avó fazia aquele gol, e aquele cara não fez. Não sei porquê contrataram ele.

TRABALHADOR 1: Mas o juiz tava roubando pra caralho! Anulando umas faltas nada a ver.

TRABALHADOR 3: Não é? Um desgraçado desse merece levar uma surra.

TRABALHADOR 2: Também acho. Junta todo mundo e desse o cacete para ver se aprende.

APAIXONADA *(mostra o celular para o Apaixonado)***:** Olha isso!

APAIXONADO: Sua amiga ta grávida?

APAIXONADA: Pois é, nem consigo acreditar. Mas parece que o cara não tá querendo assumir.

APAIXONADO: Mas também... sua amiga dá para todo mundo, né? Ela nem deve saber se é dele mesmo. Eu desconfiaria também.

APAIXONADA: Para, amor! *(dá um tapinha de leve no Apaixonado)* Ela ainda é minha amiga! Mas sei lá... deve estar sendo foda...

APAIXONADO: É só ela tirar, ué.

APAIXONADA: Claro que não! A criança não tem culpa disso. Ela não pode matar o bebê. Eu não a perdoaria por isso.

ESTUDANTE 3 *(dá um tapa leve no Estudante 2)***:** Você ainda tá de olho naquela mina?

ESTUDANTE 2: Não me enche, eu tô dando meus pulos aqui. E outra: olhar não tira pedaço!

ESTUDANTE1: Melhor que olhar para aquelas mina feia da nossa sala, credo.

ESTUDANTE 2: Tá vendo? Eu quero uma gostosa que segure o meninão, e não essas minas que não se cuida, ou aquela nerd zoada da nossa sala, imagina? Que nojo!

ESTUDANTE 3: Ela é mó feia também, gorda pra caralho.

ESTUDANTE 1: Depois chora porque ficam zoando ela. Não se cuida, dá nisso!

SENHORA 1: Você soube da menina da vizinha da frente?

SENHORA 2: Não tô sabendo, que que houve?

SENHORA 1: Tô achando que a menina é... como fala? Sapatão.

SENHORA 2: Mentira! E a mãe dela é uma pessoa tão boa, coitada...

SENHORA 1: Pois é! Eu mesma vi ela levando uma outra menina para casa.

SENHORA 2: Para a casa da mãe?! Que vagabunda!

SENHORA 1: Então! A gente não desrespeita, mas essa gente é desaforada também né? Nem fiquei olhando muito porque não aguentei.

SENHORA 2: Um absurdo!

Foco de luz na Mulher, todos se silenciam. Ela levanta os olhos do livro e olha para o público.

MULHER: Que terrível eram aqueles que fugiam do padrão... dos bons modos... da linha tênue entre boa pose e insanidade extrema. Absurdo eram aqueles de coração ruim que adentravam a Cidade Luz, o destino que apenas os bons alcançavam. Era insuportável a infração dos limites evidentes, que nem isso eles eram capazes de respeitar! Eram perdidos pelas sombras que os consumiram. E de onde elas vinham? Ninguém sabia. "Mas não se preocupe...", diziam"..., seja bom e elas não irão alcançar você! As sombras só atingem corações já corrompidos." Mas... como sabiam que corações ainda se mantinham intactos?

Luz geral retorna e Mulher se volta novamente para o livro. Burburinhos surgem e logo se calam. Sinal do trem toca. Todos ficam em silêncio.

ALTO-FALANTE: Aviso urgente! (todos olham para cima) Aviso urgente! Dois homens são assassinados com brutalidade!

SENHORA 2: Que horror!

TRABALHADOR 1: Nossa Senhora nos proteja, que absurdo!

ALTO-FALANTE: Pelas informações dadas pela polícia, as vítimas eram irmãos e foram mortos com extrema violência.

APAIXONADA: Como alguém pode fazer isso?

ALTO-FALANTE: Indícios evidentes de tortura já foram comprovados, entre eles hematomas de pancadas...

ESTUDANTE 3: Coitados dos caras...

ALTO-FALANTE: ...cortes em várias regiões...

PROSTITUTA 1: Me sinto até mal por eles. Quanta violência!

ALTO-FALANTE: ...queimaduras e ossos quebrados.

APAIXONADO: Como alguém é capaz de fazer algo assim?

ALTO-FALANTE: Marcas de corda indicam que eles estiveram presos durante todo o processo e ambos morreram em decorrências de 49 facas, cada.

MULHER: *(Baixa os olhos para o público)* Quem? Como? Por que?... as pessoas se perguntam tantas coisas quando presenciam situações horríveis, mas nunca deixam de as presenciar. Amam entender os motivadores, questioná-los e depois julgá-los como insuficientes. Mesmo que com muito menos sejam capazes de fazer muito mais. Entretanto, dizem que nunca seriam capazes de os fazer se recebem perguntas sobre o assunto. Porque a maldade não reside em mim, apenas me corrompe quando convém. É por isso que todos estão nesse trem... porque são todos muito bons. Porque somos todos juízes, e não réus. Porque somos todos puros e não psicopatas. Porque somos todos filhos de Deus... até desejarmos mata-lo. A verdade é que a Cidade Luz nunca deixou de ser Cidade Trevas, apenas sabe esconder melhor as sombras que cativam o seu olhar. Somos todos insanos negando a própria loucura, até que ela se revolta no peito e mostra do que somos capazes. *(continua olhando para o público em silêncio)*

ALTO-FALANTE: Eles ainda investigam, mas provas claras demarcam que a principal suspeita foi a esposa de um deles, que segue foragida. Ela não pegou pertences circunstancias mediante ao levantamento de itens da casa e a polícia segue atrás dela para resolver o caso. Todo cuidado é pouco! E nos resta a dúvida... como um ser humano é capaz de tanta desumanidade?

Portas do trem se abrem. Todos se mantém paralisados, olhando para cima e Mulher pega sua bolsa para sair.

MULHER: Nunca deixamos de ser maus quando somos bons. E nunca deixamos de ser bons quando somos maus. Mas pouco importa, porque a verdade é que nunca nos interessamos verdadeiramente por ser nada mais do que já somos. Mesmo que nunca saibamos o que isso possa significar.

ALTO-FALANTE: Bem-vindos a Cidade Luz, onde até os sonhos impossíveis se realizam para pessoas boas. Para mais informações das notícias recentes, visite nosso site e consulte todas as fotos do caso com atualizações de hora em hora! Rádio trem, para a desinformação não ser sua pior inimiga!

Som do alto-falante baixa em conjunto com a luz, até ambos cessarem.

FIM



Lyvia P. M. é estudante de Psicologia na USCS e escritora amadora desde quando aprendeu a escrever. Em 2019 redigiu sua primeira dramaturgia em grupo, O Trono, mediante a um projeto complementar estudantil. Aprofunda-se em qualquer conteúdo artístico e faz deles parte de sua história.

MAQUIAGEM À PROVA D'ÁGUA

Sky Said

"Articulando temas como transfobia e exploração sexual, a dramaturgia se desenha entre elementos dramáticos e narrativos, com as canções sendo fundamentais no desenvolvimento da trama. É possível notar que Sky Said escreve a partir de uma pesquisa com fatos reais e que, embora ainda em esboço, aponta um texto com vocação para a cena, com bom ritmo e criação de imagens."

Tadeu Renato
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

PERSONAGENS

Maria Alice: garota cisgênero, preta, nascida em Pernambuco. Atualmente mora com seu pai em Ferraz de Vasconcelos, São Paulo; mora em um barraco arranjado. A garota foi retirada da escola ainda bem nova, pois devia ajudar o pai na recolha de reciclagens, o qual era o único sustento da família. Porém, aos 16anos, Maria descobre que está grávida de seu namorado. Ao tentar conversar com ele, o namorado mente e deixa a garota sozinha com a responsabilidade. Desesperada para arranjar uma solução, Maria Alice pensou em um aborto, mas o medo de morrer foi maior, fazendo com que ela decidisse seguir a gravidez. Determinada a começar uma vida nova para ela e seu bebê, sua única opção palpável é a prostituição. Sua vida começa a ser mais perigosa do que o normal, vivendo entre o medo das ruas e o medo de ser espancada em casa pelo próprio pai, que nem suspeita da gestação.

Marco Antônio: homem cisgênero, preto, nascido em Pernambuco. Se mudou para São Paulo fugido da família de sua ex-esposa, os quais o juraram de morte após descobrir que ele a agredia. Sequestrou sua filha quando essa ainda tinha 8 anos de idade. Construiu um barraco em Ferraz de Vasconcelos para morar com a menina, ao qual forçou a trabalhar, desde sempre, para que pudesse comprar suas bebidas e algo para tapear sua fome.

Helena Power: mulher trans, 31 anos. Filha do dono de uma empresa de Factoring. Até sua maioridade, era repreendida pelos pais por ser um viadinho. Ao completar 19 anos, comprou um pequeno apartamento e se mudou da casa de seus pais, onde, então, começou sua transição, vestindo as roupas que queria e investindo em tratamentos hormonais e cirurgias de afirmação de gênero. Ainda em sua jornada para ser ela mesma, sofreu com a falta de dinheiro, o que fez com que a moça procurasse vários bicos e até mesmo pedisse dinheiro ao seu pai. Helena sempre teve de tudo em sua vida, por conta do status de seu pai, por isso sempre foi mimada e nunca se preocupou em fazer uma faculdade ou ter um emprego. Para ela, trabalhar para alguém era o fim do mundo. Ao se ver em uma situação tão vulnerável a garota aderiu à ideia de amigas de vender packs de fotos sensuais para desconhecidos na internet. No início, tudo deu certo, porém suas fotos e vídeos pararam em sites de pornografia onde todos tinham acesso e, assim, suas vendas despencaram. Já com 26 anos, Helena decidiu fazer programas com homens de uma área mais rica da cidade, ganhando fama e uma melhora financeira.

Leila: mulher cisgênero, 53 anos, não tem uma residência fixa, sempre se mudando de lugar, mas atualmente moradora de Ferraz de Vasconcelos. Conhece Maria Alice quando a menina já está morando na rua. Sabendo da gravidez, é a pessoa que mais se preocupa com a garota. Esconde um lado horrendo, sendo procurada por sequestrar crianças.

Homens: civis que contratam os serviços de Helena e Maria Alice durante a peça.

Agressores: duas pessoas de gênero não-identificado e que agridem Helena ao final da peça.

Ela anda sensualmente até o automóvel que está parado a sua frente; seus olhos fixado sons do motorista, ela praticamente o hipnotiza! Uma conversa solta e risadas pesadas de excitação do homem que contrata os seus serviços.

CENA I — TROCA DE CALÇADA

O relógio marca 1h da manhã. Maria Alice está indo em direção ao seu ponto. Suas saídas para o trabalho são sempre após o pai adormecer. O palco é dividido ao meio por um poste de luz. Ao sair da coxia, começa a cantar na parte esquerda do palco, enquanto recebe apoios vocais de Helena, que entra pela parte direita, indo em direção ao centro. Cantam Troca de calçada, de Marília Mendonça.

Ao final da música, ambas estão no centro do palco, cada uma em sua cena, não tendo qualquer tipo de contato entre si. Maria Alice, com sua pose, acende um cigarro e começa a cantar as pessoas na rua. Ela está ali pelo dinheiro, não importa qual o gênero da pessoa. Um homem se aproxima.

HOMEM: Não é que você realmente adotou esse ponto! Achei que tava fugindo de mim, Mali!

MARIA: O quê? Você acha que eu fugiria do meu melhor cliente? Aquele ponto tava cheio demais, meti o pé pra cá, que pelo menos aqui só tem eu!

Ao dizer isso, se aproxima do homem.

MARIA: E então, meu lagartixo? Vai querer meter onde?

O homem acaricia o rosto da garota e a coloca de joelhos à sua frente. A luz do lado esquerdo do palco apaga.

CENA II — SALVE TODAS

Helena está ao lado do poste, retocando a maquiagem. Acabou o seu último programa na rua e está indo para um evento.

HELENA: Gente! Esse calor todo não dá!!! Minha maquiagem tá derretendo, nem parece que gastei uma grana fodida nisso... Olha só!! Tô parecendo o Felca, com essa base derretida! *(suspira, irritada)* Pela primeira vez espero que essa festa seja curtinha!

Ela guarda a maquiagem na bolsinha e dá uma ajustada no vestido.

HELENA: Espero que aquele cretino solte um pouquinho mais a grana hoje, também... dependendo da minha sorte, consigo me livrar das contas clichês da vida! Agora... onde era o tal endereço mesmo?

Sai andando em direção à frente do palco, procurando o celular na bolsa. Enquanto isso, Maria Alice recebe o seu dinheiro e resolve ir comprar mais cigarro. No centro frontal do palco, as duas se encontram, trocam olhares desconfiados e incrédulos, Helena tenta seguir em frente, mas se irrita com o olhar de nojo da menina.

HELENA: Qual foi, hein? Perdeu o cú na minha cara?

Helena vai em direção a garota que dá um passo para trás.

MARIA: É...

HELENA: Não sabe falar não, neguinha? Tá olhando o quê?

Maria Alice descongela ao ouvir a frase da mulher.

MARIA *(rebatendo, rapidamente)*: Neguinha?? *(pausa)* Travecão!!

HELENA: Vish, se enxerga! E escuta aqui, menina imbecil, eu sou MULHER! E muito mais mulher do que você jamais vai ser na vida! *(dá um peteleco na testa de Maria Alice)*.

MARIA: Mulher, é?

Ficam em silencio por alguns minutos, analisando-se minunciosamente uma a outra.

HELENA *(saindo)*: Ó, tô vazando.

MARIA: Moça... desculpa...

Helena para e olha desconfiada pra garota.

HELENA: Desculpa? Assim, do nada?

MARIA: Eu só tô dizendo que... fui um pouco... grossa...

HELENA: Ah, sei...

MARIA: É sério! Não sou assim sempre... e pra dizer a verdade, gostei do seu vestido...

HELENA: Mmm... Comprei de uma boutique perto de casa. Não é de marca, mas até que dá pro gasto... Gostei do penteado...

MARIA *(passando a mão nos cabelos)*: De verdade? Meu cabelo não parece bombril?

HELENA: Né, nada. Quem te disse isso?

MARIA: Algumas pessoas...

Helena se aproxima de Maria.

HELENA: É inveja, relaxa.

MARIA: Bom... você é bem bonita... quero dizer, nunca que eu vou ter peitos tão grandes assim!

Helena cai na risada e a garota a acompanha.

HELENA: Você é um sarro, garota!

Maria continua a rir. Tempo.

MARIA *(tímida)*: Sabe... eu acho todas as mulheres lindas...!

HELENA: Senti sua vibração gay desde o início! *(tempo)* Aí, garota. Tem um monte de mulher que precisa ouvir o quanto é bela, saca? Saber reconhecer seu próprio valor e saber se impor também. Você não é a única...

MARIA: *Você tem razão...*

As duas se entreolham com cumplicidade. Andam até a ponta do palco com poses empoderadas e cantam Salve todas, de Antonia Medeiros. Após a música acabar, Helena se recompõe e fica séria por um momento.

HELENA: Qual seu nome?

MARIA: Mali.

HELENA: Seu nome de verdade...

MARIA: É Mali, mesmo. Parece estranho, mas é meu nome de verdade!

HELENA: Sem essa garota, acha que eu não reconheço um nome de guerra?

Maria Alice fica sem dizer nada, com os braços cruzados por causa da brisa da madrugada.

HELENA: Vai... qual teu nome?

MARIA: Maria Alice...

HELENA: Maria Alice... nome bonito... O meu é Helena, mas todos me conhecem por Hellen Power...

O celular de Helena toca e ela percebe que está superatrasada. Sai correndo do palco em direção a coxia.
Maria se sente diferente após o encontro com a mulher. Decide encerrar a noite e ir dormir.

CENA III — CASA EM DESGRAÇA

Maria chega em casa, abre a porta arranjada com todo cuidado para não fazer barulho e se põe nas pontas dos pés até chegar em seu canto no barraco. Quando a garota se senta no colchão, o pai dela acorda e começa um ataque de fúria ao ver a menina com aquele top e saia curtos. Cego pela raiva, Marco Antônio pega a filha pelos cabelos e lhe dá uma surra, jogando Maria para fora de casa, sob palavrões e gritos. A garota sai correndo, chorando, até chegar em frente ao palco, onde senta-se no chão envolta de lágrimas e canta Não vou me adaptar, da banda Titãs. A música é estendida pelos músicos enquanto a garota vai embora para a coxia.

Um poema é recitado, com a música ao fundo. No palco, apenas jogos de luzes com o cenário, que sofre pequena mudança. A voz que recita é feminina, porém percebe-se uma idade avançada.

Poema ainda em processo de criação

CENA IV — O AMANHÃ

Casa de Leila.

Maria retorna ao palco com a barriga já grande. Está acompanhada de Leila, que abrigou a menina em sua casa. As falas de Leila são dúbias. Maria se despede para ir trabalhar.

LEILA: Mariazinha, já disse que você não precisa fazer esse tipo de coisa! Pode morar comigo o tempo que quiser! A casa não é grande nem nada, mas seu bebê vai ficar em ótimas condições!

Maria se distancia um pouco da mulher.

MARIA *(afastando-se)*: Obrigada por se preocupar, Leila..., mas eu preciso trabalhar... quero ter um espaço pra mim e pro meu bebezinho.

LEILA: Mas pensa bem! Não é bom pra uma criança viver nessas condições. Você ainda é nova, vai poder ter uma família de verdade, um dia... não jogue o seu futuro fora! Tem tanta mulher por aí que chora por não ter um filho, sabia? São pessoas capazes até mesmo de comprar um neném assim, ó! Como o seu, ainda dentro da barriga! E, na verdade, pagam um dinheirão! Imagina, só?! Você iria ter uma maneira de se sustentar e o seu bebê iria ser tratado como verdadeiro príncipe!

Maria fecha a cara e não responde nada. O relógio na parede marca meia noite. A garota anda em direção a ponta do palco, surda para os chamados de Leila. Quando chega no ponto certo, seu monólogo começa.

monólogo ainda em criação

CENA V — A ÚLTIMA CENA DE CALMARIA

Helena surge bêbada ao lado de um homem rico, que ao ver Maria, decide contratar seus serviços também. A última cena de calmaria é o sexo entre um homem rico e casado com duas prostitutas, uma garota de 17 anos e uma mulher trans de 32. Após o homem pagar por seus serviços, Helena pega uma garrafa de bebida e dá uma golada.

HELENA: Vai pra onde, agora?

MARIA: Vou continuar no ponto até umas 5h

HELENA: Tendi, esqueci que seus clientes são os pobretões

Helena ri enquanto bebe mais um pouco da garrafa.

MARIA: Você vai pra casa agora?

HELENA: Acho que sim. Fui acompanhante de um idiota mais cedo e isso me rendeu mais que o normal. Acho que vou tirar a noite para beber e descansar, talvez curtir alguma festa com as minhas amigas. Sei lá.

Maria põe a mão em sua barriga ao sentir uma pontada.

HELENA: *O que houve? Tá com dor?*

Helena cambaleia para perto da menina.

HELENA: Eu vou ao médico com você, se quiser.

MARIA: Não precisa... tá tudo bem. Sinto isso direto...

HELENA: Tem certeza? Você tá quase explodindo!

MARIA: Confia... tá tudo bem. Qualquer coisa, eu te mando mensagem ou ligo.

HELENA: Ah, Maria! *(suspira)* Não parece, mas me preocupo com você! Pra falar a verdade, você deveria estar morando comigo, não com aquela mulher lá...

MARIA *(interrompendo)*: Helena...

HELENA: Tá bom, eu vou embora já. Tô indo!

CENA VI — PARTIDAS

Helena sai cambaleando pelo lado direito do palco e se senta no canto frontal do mesmo, bebendo e fumando. Ao se despedir, Maria Alice retorna ao seu ponto no lado esquerdo. Quando suas dores aumentam, tenta chegar na casa de Leila o mais rápido possível. Ouvimos gritos de dores e chamados pela mulher. Leila escuta a voz da garota do lado de fora de sua casa. Vai em seu encontro, leva-a para dentro da casa e ajuda no parto. Maria grita incessantemente, enquanto a mulher diz estar chamando uma ambulância. Passa um tempo e o bebê nasce. Porém, Maria Alice está com uma hemorragia, suas forças se esvaem junto de seu sangue, enquanto segura seu bebê minúsculo.

MARIA: Leila! Onde está a ambulância? Não aguento mais essa dor, tem muito sangue!!

A mulher se aproxima de Maria Alice, senta-se ao seu lado e começa a acariciar os cachos da menina.

LEILA: Eles já estão vindo, espere mais um pouco!

Leila segura a mão de Maria, fingindo preocupação. Aos poucos Maria vai perdendo a cor de seus lábios, mas mesmo assim suas mãos ficam firme em torno de seu filho. Ao pensar que a jovem já está morta, Leila puxa a criança de seu colo.

MARIA: Leila, me dá o meu filho!

A mulher finge não ouvir e continua com a criança. Aos poucos, os gritos frenéticos de Maria cessam. Nesse momento, dois homens entram na casa.

HOMEM 1: Ela tá morta mesmo?

LEILA: Acho que sim. E mesmo se não estiver, daqui a pouco morre, sei nem como tá aguentando tanto, essa praga.

HOMEM 1: Beleza.

HOMEM 2: Vai jogar lá no bueiro, mesmo?

LEILA: Vocês que sabem, mesmo se acharem o corpo não vai dar em nada. Mas leva de uma vez, já tá ficando nojenta a minha casa com esse cheiro.

Os homens enrolam o corpo no lençol da cama e levam embora. Enquanto isso, Leila limpa o bebê e vai embora da casa.

CENA VII — SE VOCÊ SOUBESSE

No outro lado do palco, Helena se levanta e decide ir embora de vez, porém é parada por dois homens que se mostram interessados por seus serviços. Entre as conversas, um dos homens agarra Helena enquanto o segundo começa a espancar a mulher. Quando ela está no chão, os dois desferem chutes e não param até ela fingir estar desacordada.

Com medo de a terem matado, os dois fogem, levando sua bolsa, seu celular e a garrafa de bebida. Ao perceber que os dois não estão mais por perto, Helena se arrasta para conseguir se sentar. Seu rosto está sangrando e seu corpo dolorido e imundo. Helena faz seu monólogo final:

Monólogo ainda em criação

O monólogo é seguido de seu canto de lamento, a música Sangrando, de Gonzaguinha. As luzes se apagam e pode-se ouvir um uníssono com vozes femininas:

VOZES: Se você soubesse um terço dessa história, me abraçava e não me apedrejava.

FIM



Sky Said, 21 anos, é estudante de Pedagogia pela Unicessumar e entrou no Conservatório de Tatuí em 2021, para cursar Artes Cênicas. No ano seguinte transferiu sua matrícula para Percussão Sinfônica, onde atualmente é alune. Além da música, também é diretore, escritore e figuriniste no duo teatral e musical TransVersão.

O NEGÓCIO DA FÉ

Lena Giuliano

“Peça em processo que faz menção a caso social relevante da história do trabalho na Argentina, e que aborda o episódio a partir da questão da mercantilização da fé, ao mesmo tempo em que procura expor a escrita da própria cena, de maneira metateatral.”

Sérgio de Carvalho
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

27 de novembro: Reconhece a aparição ao ver a imagem da Virgem do Rosário, relegada ao campanário em decorrência de sua deterioração. A Virgem lhe diz: “Quero estar na ribeira do Paraná”. Em uma imagem da entrada da fábrica de Somisa há um cartaz que diz: “Prohibida la entrada de toda persona no autorizada”.

Duas pessoas, com roupas prateadas, estão em frente a um orelhão, pedindo esmola de forma eufórica.
A fábrica de Somisa tinha um valor estimado de 460 milhões de dólares. A fábrica de Somisa foi vendida por 152 milhões de dólares.

152: Temos fome, queremos rezar!

460: Vamos rezar para comer!

Uma mulher passa por perto.

152: Senhora, senhora! Nos ajude!

460: Nos ajude, senhora!

MULHER: Hoje não, desculpa.

Um senhor passa por perto.

152: Só uma moeda! Para que possamos rezar.

460: Para poder rezar, só basta uma moeda!

O senhor procura uma moeda e joga nas pessoas.

152: Muito, muito obrigada! Deus abençoe.

460: Deus abençoe! Muito, muito obrigada.

As duas pessoas aproximam-se do orelhão.

152: Deixa que eu falo! Eu falo melhor.

460: Pode falar, mas fala rápido!

152: O que era, mesmo? Trabalho, comida, saúde.

460: Trabalho, comida, saúde, proteção, moradia, felicidade.

152: Peraí, peraí. Assim também não dá!

460: Por que não dá?

152: É muita coisa! Trabalho, comida, saúde, proteção, moradia, felicidade. Não dá pra ter tudo!

460: Então fala só do trabalho, comida e felicidade. Tira a saúde.

152: Como você vai tirar a saúde? Saúde é importante.

460: Se não tiver saúde, pelo menos tem felicidade!**152:** Mas com trabalho e comida já tem felicidade. Eu não vou tirar a saúde.

460: Então tira a comida! Só dá pra ter saúde com comida.

152: Eu não! Vai que eles entendem errado e não mandam comida. Nada disso.

460: Então não sei o que te dizer.

152: Então não diga nada.

Silêncio. A barriga de 152 ronca.

152: Eu não ligo pra você. Eu vou ligar pra Deus.

Ele coloca a moeda no orelhão.

460: Deixa eu ouvir também!

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Olá. Você ligou para o Centro de Preces à Virgem Maria. Se quiser fazer uma oração, digite 1. Se quiser fazer um agradecimento, digite 2. Se quiser fazer um pedido, digite 3.

460: Digita 3, digita 3!

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Você escolheu a opção: fazer um pedido. Para pedir amor, digite 1. Para pedir paz, digite 2. Para pedir esperança, digite 3. Para pedir bondade, digite 4. Para pedir prosperidade, digite 5. Para pedir respeito, digite 6. Para pedir trabalho, digite 7. Para pedir equilíbrio, digite 8. Para pedir otimismo, digite 9.

152: E agora?

460: Digita 7, trabalho!

152: Trabalho? Mas tem tantas coisas melhores! Amor, paz, felicidade!

460: Mas só tem trabalho dos que a gente combinou!

152: Tem certeza?

460: Digita logo!

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Você escolheu: trabalho. Seu pedido já foi recebido e está sendo processado. Por favor, aguarde.

152: Eu não quero ter que trabalhar.

460: Que outra opção te alimenta?

152: A gente pegou a única opção ruim.

460: Com trabalho a gente consegue todas as outras.

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Seu pedido foi processado e aprovado. Muito obrigada por escolher nossa central de preces.

152: E agora?

460: Agora a gente espera.

152: Espera o quê?

460: Um trabalho, ué!

152: Mas o trabalho se parece com o quê?

460: Temos que ficar atentos aos homens com terno e gravata.

152: Homens sérios.

460: Homens que estão procurando trabalhadores.

152: Trabalhadores?

460: Sim, como nós.

Esperam em silêncio.

152: Não sei, não. Não sei se vai funcionar.

460: Vai sim. Já fizemos o pedido e estamos aqui esperando. O que pode dar errado?

152: Pode ser que nunca apareça ninguém.

460: Você deixe de bobagem porque todo mundo sabe que você não tem para onde ir.

152: Tenho sim.

460: Tem não.

152: Tenho sim.

460: Tem não.

152: Você também não tem.

460: E não tenho vergonha de dizê-lo.

152: Então não vai embora?

460: Para onde?

Esperam. A mulher volta a passar.

MULHER: Ei, vocês. Gostariam de um trabalho?

152: Opa!

460: Claro que sim!

MULHER: Colem esses adesivos no orelhão. É do nosso novo posicionamento de marca.

As duas pessoas colam um adesivo no orelhão. Nele, está escrito "Virgem Maria do Rosário de San Nicolás".

MULHER: Muito bem.

A mulher lhes dá uma moeda e vai embora.

152: E agora?

460: Te disse que funcionaria!

152: Conseguimos o trabalho, mas ele já foi embora.

460: Não se fazem mais trabalhos como antigamente. Agora são rápidos assim.

152: E o que fazemos?

460: Pedimos outro, ora!

152: Mas estou com fome!

460: Com apenas uma moeda não vamos conseguir comprar muita coisa para comer. Vale mais a pena pedirmos outro trabalho.

152: Não quero mais trabalhar, quero comer!

460: Não existe comer sem trabalhar.

460 coloca a moeda no orelhão.

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Olá. Você ligou para o Centro de Preces à Virgem Maria. Se quiser fazer uma oração, digite 1. Se quiser fazer um agradecimento, digite 2. Se quiser fazer um pedido, digite 3.

152: Peça alguma coisa mais humana desta vez!

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Foi registrado que você teve um pedido realizado. Por favor, digite 2 para fazer um agradecimento antes de fazer o próximo pedido.

152: Te disse que era uma ideia ruim!

SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Seu agradecimento foi processado e aprovado. Muito obrigada por escolher nossa central de preces.

460: E agora?

152: Agora acabou, estamos sem moeda, sem comida e sem trabalho.

460: Eu nunca cheguei nessa parte!

152: Nem eu. Meu pedido nunca foi realizado.

460: É porque você só pedia coisas idiotas. Amor, paz, felicidade.

152: E o que fazemos agora?

460: Recomeçamos.

As duas pessoas pedem esmolas.

152: Temos fome, queremos rezar!

460: Vamos rezar para comer!

152: Acho melhor não falarmos mais isso.

460: Por que não?

152: Não vamos mais rezar, vamos só comer.

460: Não devemos nunca parar de rezar!

152: Mas vamos comer primeiro e rezar com a barriga cheia.

460: Está bem.

152: Temos fome, queremos comer!

460: Vamos comer para rezar!

Eles esperam. Ninguém passa.

460: Eu já tô cansado. Isso aqui é trabalho.

152: Não, só é trabalho se ganhar dinheiro!

460: Então pedir esmola é trabalhar?

152: Não, também não é assim. Trabalho é com horas determinadas, com contrato, com salário.

460: Isso é antigo e não se fazem mais trabalhos como antigamente.

152: E como são os trabalhos agora?

460: Você faz qualquer coisa com valor, e aí ganha esse valor em dinheiro.

152: E me diz que valor tem pedir esmola.

460: Tem valor para a gente, a gente pode comer por causa da esmola.

152: Mas o que a esmola produz?

460: Produz pena nas pessoas.

152: Não! Não esse valor! Você é ruim até pedindo esmola!

460: Quanto dinheiro você conseguiu pedindo esmola?

152: Nada. Você também não conseguiu nada!

460: Mas não tenho vergonha de dizê-lo.

As duas pessoas esperam alguém passar. Ninguém passa.

152: Já chega. Vamos para outro lugar.

460: Que lugar? Não tem lugar pra pedir esmola.

152: Como assim? Se tem gente passando, tem gente pra pedir esmola.

460: Como você sabe que eles têm dinheiro para dar?

152: É simples. Se a pessoa está andando, é porque tem dinheiro. Ou pelo menos um lugar para ir, que é mais do que a gente tem.

460: Todo mundo que passa parece que está ocupado.

152: Quem está parado é desocupado.

460: Como a gente.

152: Como a gente.

460: E todo lugar está ocupado por um desocupado. Por isso que não vamos conseguir pedir esmola em outro lugar.

152: Então vamos logo comer que eu tô morrendo de fome.

460: O que vamos comer?

152: O que tiver no mercado.

460: Com que dinheiro?

152: Na fila do mercado todo mundo vai ter dinheiro.

460: Olha só, na fila todas as pessoas vão estar paradas e ocupadas.

152: Tudo tem uma exceção.

2.

A Jornalista e a Dramaturga escrevem.

JORNALISTA: De qual santo você disse que era?

DRAMATURGA: De São Paulo. Não sou de lá, mas moro lá.

JORNALISTA: São Paulo. Eu sou de San Nicolás mesmo.

DRAMATURGA: Eu sei.

JORNALISTA: Quantos anos você tem?

DRAMATURGA: Vinte.

JORNALISTA: E quantos anos eu tinha quando te tive?

DRAMATURGA: Trinta e cinco.

JORNALISTA: Ah, faltam uns bons anos para você nascer ainda. Temos quase a mesma idade nesta situação.

DRAMATURGA: Eu sei.

Silêncio. As duas escrevem.

JORNALISTA: Que bom.

DRAMATURGA: É.

Silêncio. As duas escrevem.

JORNALISTA: E você então precisa da minha pesquisa jornalística para escrever uma peça, é isso?

DRAMATURGA: Isso. Eu tentei achar a reportagem que você está escrevendo agora, mas não achei na internet.

JORNALISTA: Internet?

DRAMATURGA: É. Não achei sua reportagem.

JORNALISTA: Estou pensando em chamá-la "O negócio da fé".

DRAMATURGA: É um bom título. Título de quem não tem fé.

JORNALISTA: E nem negócio.

Silêncio. As duas escrevem.

JORNALISTA: De onde veio seu interesse para escrever sobre isso?

DRAMATURGA: De você, né? Você adora falar sobre isso.

JORNALISTA: Ah, claro. Que idiota.

Silêncio. As duas escrevem.

JORNALISTA: Quer ver o que eu estou escrevendo?

A Jornalista mostra o que está escrevendo. A Dramaturga lê.

DRAMATURGA: Acho que eu não preciso de mais informações. Olha o que eu estou escrevendo.

A Jornalista lê. A Dramaturga continua escrevendo. Os operários vêem a Dramaturga escrevendo. Ela some.

As duas pessoas chegam à porta do mercado, mas está destruído. Há apenas ruínas.

152: O que será que aconteceu aqui?

460: Aqui, o que será que aconteceu?

Pensam.

152: Quando finalmente decidimos comer, não tem lugar para comer.

460: Tinha que acontecer comigo...

152: Tinha mesmo, você me traz muita má sorte!

460: Você também me traz má sorte.

152: Antes de te conhecer eu tinha trabalho, casa, família e comida na mesa.

460: Isso é porque a gente se conheceu quando já tava ruim. Eu também tinha tudo isso!

152: Você perdeu tudo como eu?

460: Perdi tudo como você. Ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos.

152: Então a gente é pra ser amigo mesmo!

As duas pessoas se abraçam. A barriga de 152 ronca.

152: Estou com muita fome.

460: O que será que aconteceu com o mercado...

Pensam.

152: Não tem outro lugar para comer?

460: Tem o restaurante.

152: Restaurante? Eu não vou em restaurante!

460: Eu também não vou.

152: Sentar em mesa, comer com talheres.

460: Isso não é para gente como nós!

152: Mas o que será que aconteceu com o mercado...

Sentam-se no meio-fio. Aparece um guarda.

GUARDA: Ei! Saiam já daí!

Eles levantam-se.

152: Me desculpe, me desculpe.

460: Desculpe-me, desculpe-me.

GUARDA: É proibido sentar-se aí.

460: É proibido sentar na rua?

GUARDA: É proibido sentar em frente ao prédio do antigo mercado.

152: Você sabe o que aconteceu com o mercado?

GUARDA: O mercado era um prédio feito de aço, como vocês sabem. E todos os prédios de aço da cidade foram destruídos.

152: Todos destruídos?

460: Destruídos todos?

GUARDA: Sim, todos destruídos e destruídos todos. San Nicolás não quer mais se associar com o aço e vocês sentados aí na frente chamam muita atenção para o passado.

152: Passei toda minha vida produzindo aço!

460: Trabalhando exaustivamente para levar progresso para a Argentina.

GUARDA: Mas isso já ficou velho.

152: A Argentina não precisa mais de aço?

460: O aço é importante, viu. Dá para fazer prédio, fio, trilho de trem, um monte de coisa.

152: Eu mesmo já fiz um monte.

460: Eu também! Aço é vida!

152: Aço é vida!

GUARDA: Eu também, mas já ficou velho o aço de San Nicolás. Não é mais vida. Agora o melhor aço vem de outros lugares.

460: Então o aço ainda é importante?

GUARDA: Sim, mas não para San Nicolás.

152: Eu gostava do aço de San Nicolás!

GUARDA: Por favor, parem de falar de aço. Precisamos de gente para produzir o futuro.

460: Eles pagam para isso?

152: Como se produz o futuro?

GUARDA: Eu não sei, eu não sei. É o que andam dizendo por aí.

460: Que estranho isso que aconteceu com o mercado...

Pensam.

152: Então onde podemos comer?

GUARDA: Comer? Vocês não têm dinheiro para comer!

460: Mas vamos conseguir!

GUARDA: Veja bem, não há mais mercado na cidade. Te resta o restaurante.

Os três riem.

GUARDA: Vocês não tem nenhum amigo para dar um prato de comida?

152: Amigos tenho vários, mas estão todos com fome como eu.

460: Ou já foram embora para outra cidade.

152: Ou ainda estão fazendo greve dentro da fábrica.

GUARDA: E família?

152: Nem pensar!

460: Ninguém quer ser parente de um desempregado!

152: Só temos um ao outro.

460: Somos irmãos de mães diferentes.

152: Somos irmãos de uma mesma mãe, mas a mãe foi vendida e nos chutaram pra fora da barriga.

460: Somos órfãos da mesma mãe.

GUARDA: E agora?

152: Agora estamos à procura de outra.

460: Não! Agora estamos à procura de comida.

152: Eu queria alguém para me cuidar e servir um prato quentinho de comida.

460: Nós já somos bem crescidos.

152: Não há idade para querer amor, paz, felicidade.

460: Ah, de novo com essas coisas idiotas!

GUARDA: Está difícil a situação. Bem que me avisaram que o retiro voluntário não servia para nada.

460: Retiro voluntário? Nós fomos demitidos!

152: É que a gente era ruim, mesmo! Eu não daria uma segunda chance, não.

460: Não fala essas coisas, não fala essas coisas!

152: Você não pode se esconder da verdade.

460: Já te disse para você não falar essas coisas!

GUARDA: Sem o refeitório da fábrica a gente fica perdido.

152: Se eu pudesse teria me retirado e teria um emprego.

460: Um emprego de guarda!

152: É ruim, mas é um emprego!

460: Ser guarda é o pior emprego que tem. Eu não conseguiria guardar nada.

152: Você é ruim em tudo o que se propõe a fazer.

460: Se existisse o emprego de aguarda, eu seria o melhor. Aguardar eu sei fazer muito bem.

GUARDA: Se eu pudesse, ainda estaria dentro da fábrica, na greve. Eu mordi a isca deles e perdi meus direitos.

O guarda vai embora.

460: Você ouviu isso?

152: O quê?

460: O que ele falou sobre morder a isca.

152: Ouvi. A gente é tão burro que nem pensaram que a gente poderia morder a isca. A gente eles pegaram na rede direto e jogaram pra longe da praia.

460: Não fala essas coisas! Já falei para você não falar essas coisas!

152: Você tem que aceitar a verdade.

460: E você tem que parar de falar e me ouvir. Ele falou de morder a isca, a gente pode pescar!

152: Pescar?

460: Pescar no nosso rio.

152: Nosso ele não é. Nada é nosso.

460: É nosso sim. Eu cresci pescando no rio Paraná, você também. Ele também é nosso.

152: Você tem isca para pescar?

460: Eu não, mas a gente consegue lá.

152: A gente vai ficar sem isca e sem peixe. Se for assim, como a isca logo!

A barriga de 152 ronca.

460: Já chega! Não aguento mais esse barulho que você faz.

152: Que barulho?

460: Esse barulho asqueroso que você faz. Tá com fome, fala com a boca!

152: Eu não sei do que você está falando. Mas que tô com fome, tô!

A barriga de 152 ronca.

460: Para de me provocar!

152: O que eu fiz?

460: A sua barriga! Você fez barulho com a barriga de novo!

152: Eu ainda não sei do que você está falando.

460: Você não escuta?

152: Não.

460: Não consegue escutar o vazio do seu estômago preenchendo o vazio do ambiente?

152: Não.

460: Não consegue escutar o vazio do seu estômago nos recordando do vazio das nossas vidas?

152: Não.

460: Não consegue escutar que sua barriga pode falar mais do que nossas cabeças ocas e desnutridas?

152: Não. Acho que sempre pensei com a barriga.

460: Então vamos pescar no nosso rio. Essa é uma ideia que surgiu da minha barriga.

152: O rio não é nosso, já falei que o rio não é nosso...

3.

A Jornalista e a Dramaturga escrevem.

JORNALISTA: Fique sabendo que eu estou te dando informações privilegiadas.

DRAMATURGA: Eu sei que você foi a única jornalista que conseguiu entrar na greve. Mas não quero mais informações.

JORNALISTA: Como não?

DRAMATURGA: Não quero mais informações! Já tenho as que preciso.

JORNALISTA: Foram oito dias de greve. Eu pude entrar pelo meu pai que estava lá. Ele trabalhou a vida toda em Somisa e foi um dos demitidos, mas eu consegui pegar aposentadoria para ele pelo trabalho insalubre.

DRAMATURGA: Não quero mais informações!

A Dramaturga tenta calar a Jornalista, que não se cala. As duas correm.

JORNALISTA: Ele começou a trabalhar fundindo os metais, nos altos-fornos. A cada seis horas de trabalho ele ganhava um litro de leite para limpar os pulmões pela toxicidade, pela fumaça e pelas altas temperaturas. Mas ele sempre levava o leite para casa.

JORNALISTA: Depois ele subiu de cargo e começou a ganhar mais fazendo inspeção de materiais e de transportes. Eu consegui a aposentadoria pra ele, mas ainda não pagaram.

DRAMATURGA: Não quero saber de nada disso!

A Dramaturga tenta usar outras estratégias para calar a Jornalista, que não se cala.

JORNALISTA: Meu irmão também trabalhava em Somisa, há poucos anos, mas trabalhava. Meu tio Júlio saiu com retiro voluntário. O pior é que a esposa dele trabalhava nos recursos humanos, ela que demitia as pessoas, e ela mesma só ficou por ter diploma universitário. Uma das únicas. Eles queriam que eu estudasse engenharia para entrar em Somisa. Para eles, se eu tivesse diploma universitário deveria ser para trabalhar lá. Ainda bem que eu quis outra coisa.

DRAMATURGA: Não quero saber de mais nada.

Ela senta-se e volta a escrever. Silêncio. A Jornalista procura um lugar de destaque.

JORNALISTA: Meu pai e meu tio dão risada de quem acredita na Virgem Maria. Eles não acreditam em nada! Muitos demitidos estão ajudando a arrecadar dinheiro para o santuário e eles dão risada. Eles falam que não pode ser que a Virgem apareça em San Nicolás, só por ser a cidade deles. Eles dão risadas!

DRAMATURGA: Cale-se, por favor!

JORNALISTA: A minha mãe e minha avó acreditam. Minha mãe passou a frequentar a igreja depois da história da Gladys Motta. Agora acredita em tudo. Elas vão para uma fonte de água benta que tem lá perto do santuário e enchem garrafas vazias de Coca-Cola para dar banho nos cachorros.

A Jornalista ri. A Dramaturga tem a reação contrária.

JORNALISTA: Estou te dando informações privilegiadas! E a informação é o mais importante que temos!

DRAMATURGA: Isso não é verdade.

JORNALISTA: Por que não?

DRAMATURGA: As informações não são a coisa mais importante que temos.

A Jornalista grita.

JORNALISTA: Por que não?!

DRAMATURGA: As informações são importantes, mas eu devo focar em me aproximar das personagens. Eu não tenho a intimidade que você tem com esse tema e não quero ter. Não quero ter todas as informações. Quero outro tipo de intimidade.

JORNALISTA: Mas a melhor coisa a se ter é a informação!

DRAMATURGA: Eu quero sentir o que minhas personagens sentem, quero construir uma relação profunda com elas. Saber exatamente como é estar em sua pele, no lugar em que eu os estou colocando. Quero sentir suas dores e suas aflições como se fossem as minhas. Você tem essas informações?

JORNALISTA: Isso não é informação. Isso aí eu não sei.

Silêncio. As duas sentam-se e voltam a escrever.

Margens do rio Paraná. De um lado, as mansões dos donos da fábrica de aço têm acesso privado ao rio; do outro, cai uma placa: "É proibido pescar nesta região. Estamos contabilizando os peixes e à espera de um milagre para multiplicá-los".

152: Eu te aviso, você não escuta.

460: Mas o rio é nosso sim.

152: Não é o que parece.

460: Esse lado do rio sempre foi nosso. Sempre pesquei aqui.

152: Eu também sempre pesquei aqui.

460: O quanto você sabe sobre peixes?

152: Eu sei bastante.

460: Então você sabe, como eu, que os peixes se multiplicam sozinhos.

152: Sei.

460: Como é possível que estejam esperando multiplicar os peixes? Como é possível que estejam à espera de um milagre?

152: Vamos embora logo.

460: Quem está esperando um milagre?

152: Eu, para não morrer de fome.

A barriga de 152 ronca.

460: San Nicolás não acabou de ter um milagre?

152: Sim.

460: Claro que sim! A Virgem Maria falou com Gladys Motta.

152: Sim.

460: Então por que estão esperando outro milagre? Um não é o suficiente?

152: Sim.

460: Um milagre aconteceu em San Nicolás, você acredita nisso? Você acredita que aconteceu na nossa cidade? A Virgem Maria, de todos os lugares, escolheu San Nicolás?

152: Coitada, chegou em uma hora ruim. Quando estamos todos ruins.

460: Você não percebe que foi por isso que ela veio! Quando estamos ruins, para nos ajudar a sair da crise depois da privatização da fábrica.

152: Nada a ver. Ela veio bem antes, uns oito anos antes.

460: Não deixa de ser maravilhoso!

152: Ela preza por coisas que você acha idiotas. Amor, paz, felicidade.

460: Não preza por isso.

152: Preza sim.

460: Não preza.

152: Preza sim.

460: E agora eu descobri uma coisa mais idiota ainda. Por que esperar por mais outro milagre? Um não é maravilhoso?

152: É idiota mesmo. Eles devem achar que o que temos já ficou velho.

460: Quem vai multiplicar os peixes? Não será a Virgem Maria.

152: Jesus, é claro.

460: Não basta Maria, agora também querem Jesus! E o que farão com tantos peixes?

152: Não sei, mas chuto que não será para a gente comer.

460: Vou falar uma coisa só pra você, mas só pra você mesmo. Multiplicar os peixes não é um milagre importante o suficiente! O da Virgem Maria foi muito melhor!

152: Não existe isso de um milagre melhor que o outro. Todos têm seu valor.

460: Por que será que querem um milagre novo?

460 pensa. A barriga de 152 ronca.

460: Será que posso perguntar isso na Central de Preces? Mas 1 é para agradecimentos, o 2 para respostas do universo, o 3 para pedidos, não, não, não é isso!

152: Você sabe se há piranhas nesse rio?

460: Acho que não tem.

152: Se tiver, vou logo me jogar. Vou ser mais útil assim do que sendo um morto de fome.

460: Não fala essas coisas!

152: Vou alimentar as piranhas que estão esfomeadas como eu!

460: Quantas vezes já te disse para não falar essas coisas!

152: Não me prenda você também.

152 corre pelas margens do rio. 460 corre atrás.

460: Corra, eu corro com você!

152 para. 460 abraça 152.

460: Pode correr, eu corro atrás, pode se jogar, eu também me jogo!

152: Sai daqui!

460: Me abraça!

152: Sai daqui!

152 corre outra vez. 460 corre atrás.

460: Por que você não me abraça?

152: Por que você não admite que quer amor, paz e felicidade?

460: Essas coisas são idiotas! Eu não quero coisas idiotas!

152: E um abraço é o quê?

460 para.

460: Um abraço é o encontro entre dois corpos e pode ser o encontro entre duas almas. O abraço é abrir espaço para encaixar o outro em si. O abraço permite amar o outro corpo como é.

152: E isso não é idiota?

460: Eu abraçava os sacos de carvão todos os dias dentro da fábrica. Sentia seu peso e seu calor em mim. Abraçava as pilhas de tijolos de ferro, os canos de aço, os altos-fornos.

A barriga de 152 ronca.

152: Isso não é amor, paz e felicidade para você?

460: Não. Isso é trabalho.

Uma placa cai do céu: "Procura-se gente para produzir o futuro".

460: Achamos trabalho, achamos trabalho!

152: O que é isso?

460: É um milagre!

152: Trabalho não cai do céu, não existe isso.

460: É um milagre! É um milagre de Maria!

152: Você vai ver que é uma bobagem qualquer.

460: Não fala essas coisas, não fala essas coisas!

A Dramaturga sai de sua cena e entra na deles.

DRAMATURGA: Meu nome também é Maria, mas eu não faço milagres.

460: Quem é você?

DRAMATURGA: Sou a Dramaturga desta peça e vocês são minhas personagens.

152: Falei que era uma bobagem qualquer. Vamos embora logo.

460: Calma aí! Como assim personagens? Então estamos trabalhando!

DRAMATURGA: Não, não é assim que funciona.

460: Cadê o nosso pagamento?

152: Você trouxe comida?

DRAMATURGA: Vocês não estão interpretando personagens, vocês são as personagens!

460: Você que vai produzir o futuro?

152: Foi ela quem colocou a placa.

DRAMATURGA: Fui eu, sim.

152: O que você está procurando? Gente para construir o santuário, recolher o aço doméstico ou atender o telefone da igreja?

460: Isso tudo a gente já tentou.

152: Isso tudo a gente já tentou e ficamos no passado.

460: Sem futuro para nós.

DRAMATURGA: Não, não é nada disso. O futuro se produz também olhando para o passado.

152: Não, nada de passado!

460: Nada de aço, nada de aço!

DRAMATURGA: Estou falando de outro futuro, um futuro mais pro futuro que o futuro de vocês.

152: O futuro do futuro do futuro?

460: O que precisa de nós?

152: O que será que tem no futuro do futuro do futuro...

460: Eu posso fazer o que precisar!

DRAMATURGA: É muito simples o que quero. Só quero me aproximar de vocês.

152: Quer saber mais da minha vida?

460: Eu conto sem problemas!

DRAMATURGA: Venham aqui, podem ficar parados ali na frente.

A Dramaturga os leva até sua mesa e acomoda as duas pessoas na frente, de modo que ficam parados entre a Dramaturga e a Jornalista. A Jornalista cumprimenta de longe.

DRAMATURGA: É isso. Fiquem, por favor, algum tempo assim. Nós precisamos dessa aproximação.

A Dramaturga e a Jornalista escrevem. As duas pessoas seguem de pé, imóveis. A barriga de 152 ronca.

152: Vocês vão fazer alguma pergunta?

460: Shhh!

DRAMATURGA: Assim está bem. Precisamos dessa aproximação.

A Dramaturga e a Jornalista escrevem. As duas pessoas seguem de pé, imóveis. A Dramaturga e a Jornalista, em um momento, pegam no sono. A barriga de 152 ronca. 152 pega alguns papéis e come. 460, em seguida, também come papéis.

As duas pessoas comem todos os papéis, até não sobrar nenhum. A barriga de 152, mesmo assim, ronca.

FIM

Lena Giuliano é uma estudante argentino-brasileira de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo. Desde 2022 desenvolve uma pesquisa artística que resultou em "O negócio da fé", pensando nas relações entre o real e a ficção, entre a religião e a política e passando por um estágio de pesquisa na Université Sorbonne Nouvelle, o que resultou na criação do Grupo de Práticas Dramatúrgicas, na ECA-USP. Gosta de ler teatro e assistir literatura.



O PESO DA MEMÓRIA

Beatriz Rodrigues Machado

“O texto trabalha com procedimentos do teatro documentário para apresentar fragmentos de lembranças da autora e sua relação com a avó. Ao mesmo tempo, a narrativa se questiona incessantemente sobre a natureza da memória e sobre a própria capacidade de narrar essas reminiscências, valendo-se de propostas poéticas verbais que podem ganhar muito, enquanto dramaturgia, na fricção com a cena.”

Tadeu Renato
Integrante da comissão de avaliação do 2° concurso de dramaturgia do Conservatório de Tatuí

“You remember too much,
my mother said to me recently.
Why hold onto all that? And I said,
Where can I put it down?
She shifted to a question about airports.”

Anne Carson, The Glass Essay

CENA I

Chega uma moça esbaforida, as mãos se dobrando sobre os joelhos, a respiração pesada. O cenário é escuro, algumas formas até podem ser vistas ao fundo dela, mas são indistinguíveis.

Vocês me desculpem, viu? Não pensei que eu fosse demorar tanto tempo para chegar. Achei que fosse ser rápido. Vocês ainda estão aqui? Cobre os olhos com as mãos, tentando aprumar a vista. Eu não consigo enxergar direito. Daqui de cima vocês somem, fica tudo escuro. Eu até acho melhor assim, mas hoje eu precisava saber se tem alguém. É, é isso, acho que preciso de alguém. Vocês vão ser meio que a minha terceira perna. Porque eu estou procurando, procurando.

Sinto que estou falhando com vocês. Me desculpem. Primeiro o atraso colossal, agora essa apresentação chinfrim. Acho que eu devia ter feito um slide, algum pôster, alguma bobagem dessas que tivesse ao menos o título dessa fala, né? Mas aí sabe lá Deus quanto tempo isso me tomaria. Se vieram é porque sabem do que se trata, acredito. Eu estou aqui por um impulso, uma coragem súbita. Uma insônia desgraçada que me roubou os sentidos e o auto julgamento, por isso eu vim. Eu precisava vir, todo mundo veio, todo mundo fez a sua parte, disse que o tinha para dizer. Seria injusto, logo eu, que nunca fiquei quieta na vida, que nasci puxando papo com o médico, minha avó dizia, logo eu, ficar em silêncio. Eu tinha que vir. Eu vim. Eu tô aqui. Por isso preciso que vocês escutem, prestem atenção. Talvez eu até faça um pedido a vocês. Meio indecente, quem sabe, mas eu preciso tentar. Vocês vão ser a terceira perna que eu perdi. Se bem que não. A terceira perna a gente perde e começa a andar. Vocês não são uma terceira perna. Eu não sei o que vocês são, só sei que

"Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar."[1]

Eu disse que estava aqui por uma coragem súbita. É mentira. Estou aqui por uma repentina covardia.

[1] Paixão segundo GH, Clarice Lispector. Rocco, 2009

Pela admissão dela, na verdade. Aceitei que era o medo que me imobilizava, que me travava as pernas, que me mantinha imóvel àquela cama. É isso, eu estou com medo. Eu estou perdida. Mas estou aqui. É por isso que estou aqui procurando, procurando.

"Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão."[2]

Está decidido. Vocês vão ser a mão decepada que se empresta e segura a minha nesse escuro. Como Clarice, que me empresta as palavras. Estou protelando, eu sei. Já disse que tenho medo. Preciso ir com calma, ou sou capaz de desistir, mas vou apertar a mão de vocês e continuar. Fico feliz pelo escuro, sem ele eu talvez pudesse ver que não há ninguém, ou que vocês não estão entendendo nada. O escuro, no entanto, o escuro me salva, me deixa sentir uma mão sem dono apertando a minha, me confortando a continuar, apazigua o temor que tenho em dizer. É um medo egoísta, adianto. Talvez mais pela expectativa do que por qualquer outra coisa. Expectativa em agradar. De não decepcionar. Não que eu seja escritora, não é isso. Mas em alguma medida, ou algum momento, melhor dizendo, eu levei certo jeito com as palavras. Prêmio de melhor historinha na feira do livro da pré-escola, redação nota 10 que rendeu bolsa em cursinho, essas coisas, vocês sabem. Figurinha carimbada em todas as famílias, o tio do pavê, o parente encostado e a prima que lia muito e todo mundo achava que ia dar dinheiro, ser alguém na vida. Ou vocês têm uma prima assim, ou vocês são essa prima. No meu caso, a família, decepcionada que me enveredei pelas humanidades, sempre se agarrou que escrevendo eu pudesse chegar em algum lugar. Talvez daí venha o medo.

Ossos do ofício, acho. Ou ócio. Essa expressão tem uma origem engraçada. Prometo que não vou ficar abrindo parênteses infinitos. Garanto. Mas é que eu nunca soube. Não sei vocês. Ossos do ofício não faz o menor sentido. Mas ócio também não. O oposto de ócio talvez fizesse. Se osso fosse oposto ao ócio, aí sim. Os ossos do ofício. Eu costumava imaginar que fosse uma expressão usada por coveiros, arqueólogos, imagino uma pessoa vestida de bege, porque é sempre um coletinho bege, calças bege, assim agacha, imitando o movimento com um pincel imaginário, reclamando do sol, limpando o suor da testa e dizendo: "É, são os ossos do ofício", enquanto tira o pó de um ossinho recém-descoberto que muda todo o curso da história como entendemos.

A verdade é que o ofício aqui é bem menos interessante, nada tem a ver com pirâmides, dinossauros ou tumbas famosas, nem mesmo com ocupação. Ou tem, não sei muito bem, acho uma etimologia confusa."

[2] Paixão segundo GH, Clarice Lispector. Rocco, 2009

Há quem diga que tem a ver com o uso de tutano para alvejar papel ofício na antiguidade. O que é esquisito porque não parece muito apropriado usar a parte gordurosa do osso em papel. A outra possibilidade remonta uma fala de um deputado paulista, Manuel de Moraes de Barros, explicando que os escrivães de sua época precisavam fazer dinheiro extra e por isso evitavam trabalhar em cidades pequenas, onde só havia serviço ex-officio (próprios da função). Por uma leitura equivocada do latim, acaba soando meio como 'essofício', daí esso, ao ouvido despreparado, virou osso. No fim das contas, fico achando que seria bem melhor se a gente fingisse que na verdade é uma gíria forense mesmo.

Está tudo meio vago, eu sei. Uso meio porque reconheço que não estou sendo inteiramente vaga, como vocês podem ver. Trago algumas referências, os nomes, os fatos... As datas e as páginas são um pouco difíceis de gravar, vocês já sacaram que minha coisa mesmo é com as letras. E eu estou tentando fazer tudo de cabeça. Não tenho nenhuma cola, telão ou teleprompter para me lembrar do texto. Vejam só esvazia os bolsos, anda um pouco pelo espaço do palco, mostrando que não há nada. Porque eu achei conveniente que para falar de memória, eu devia usar a minha. Não é bem o desafio, vejam só, eu tenho certa aptidão para memória, um talento natural. Aliás, toda inteligência da infância era isso, uma habilidade de decorar as coisas, feito uma esponja, uma caixa vazia e quase infinita. Em sala, eu costumava ser aquela figura que os olhos das professoras se voltavam quando esqueciam algo, uma data, um nome, uma explicação. Me olhavam com esperança de que eu me recordasse, que eu completasse a lacuna. Se eu soubesse, eu lembrava. Era bom ser assim, uma espécie de ponto-cego ao contrário. Talvez por isso eu tenha ficado encarregada de tantas coisas.

CENA II

Puxa uma cadeira e se senta, a luz quadrada de um retroprojetor substitui o feixe solitário que antes iluminava a moça, projetando ao fundo do palco a foto de um casal idoso (Foto I).



Estes são os meus avós. Luiza e Sebastião. A projeção no retroprojetor avança para uma segunda foto, na imagem um casal idoso, o avô segura uma criança no colo. Esta sou eu com eles.



O retroprojetor avança rapidamente, como um erro de projeção, rapidamente projetando a imagem de um caderno antigo.



Este é um caderno, mas ele não importa, não era para estar aqui. *O retroprojetor avança, novamente projetando a foto do casal idoso com a criança no colo do avô. Esta sou eu com eles.*



A gente costumava tomar café juntos. E eu tomava café mesmo. Café preto. Era a minha avó quem cozinhava, mas meu avô quem passava o café. Eles não achavam uma boa ideia que uma criança tão pequena bebesse aquilo, mas nunca souberam me dizer não. Embora isso não importe muito aqui. Adiante. *O retroprojetor avança para a foto de uma velha e de uma criança sentadas cadeiras.* Esta sou eu com ela.



Pausa. Minha avó costumava me contar suas histórias. Não havia grandes pretensões, aparentemente, apenas histórias ordinárias que ela contava enquanto fazia o almoço, lavava roupa ou esticava as pernas durante a tarde. Histórias que eu achava fascinantes e meus irmãos e primo achavam um tédio. Talvez por isso eu tenha sido sua interlocutora favorita. Disposta a ouvi-la contar e recontar os mesmos causos, a esmiuçar os pormenores, como se reforçando o enredo e os detalhes de cada uma, como se houvesse de sua parte um pedido silencioso para que eu guardasse na memória. Que eu aprendesse de cor, como diria Tiago Rodrigues, aprender de cor é aprender com o coração. Minha avó não leu Tiago Rodrigues, mas acho que ela sabia que "se há algum substituto do amor, esse substituto é a memória[3]", aprender de cor é, portanto, restaurar a memória. Imagino agora que vocês estejam impressionados, invejando esse meu talento, pensando quão mais fácil seriam suas vidas se vocês pudessem se lembrar.

[3] By heart e outras peças, Tiago Rodrigues. Editora 34, 2021.

Se pudessem recitar facilmente os eventos e falas, se não esquecessem mais nada. Aí vocês estariam aqui em cima, beirando a loucura.

O problema de lembrar de tudo é material. Para onde vai tudo isso? Eu me lembro até do que esqueço. Nunca tenho o privilégio de dizer que não me lembro, porque há sempre um fiapo da memória que se agarra nas beiradas do precipício do esquecimento e sussurra a lembrança. Quando me esqueço de um compromisso, por exemplo, significa na verdade que me perdi entre o calendário e o relógio, mas que a memória do dever ficou por horas me incomodando, se fazendo presente. Por isso é bom esquecer, pelo menos um pouco. Do contrário a memória se deposita na pele, se infiltra sob os músculos, perfura a gordura e quando menos se espera, ela se acumulou na porosidade dos ossos. Aí você fica achando que é a idade que faz doer se mexer, quando em verdade, são as lembranças te entortando o esqueleto.

Mas por que eu entrei nesse assunto mesmo? Ah, sim. A memória que os ossos contam. Eu estava no meu primeiro ano de faculdade quando me peguei numa palestra sobre práticas mortuárias na Grécia Antiga. Era meio engraçado estar ali, um pouco irônico. Uma semana antes eu tinha estado naquela mesma sala, na mesma cadeira, assistindo uma fala sobre violência em Esparta que foi interrompida por um falso massacre. Todo mundo achou que ia morrer, que o combo de falas sobre violência e práticas mortuárias era um agouro infeliz. Mas aí não houve massacre nenhum, ninguém morreu e a gente sentou na semana seguinte para ouvir sobre como os gregos de Argos enterravam seus mortos. Sobre como um corpo morto não escolhe nada, nem o caixão ou o vaso, a mortalha ou o discurso. Nunca havia me ocorrido pensar a morte nesses termos, em como se enterra, mais do que como se morre. Que o modo de enterrar pudesse dizer muito sobre quem morreu, ou quem enterrou, ou todo o resto. Vamos imaginar que você morreu, que te enterram agora, que isto aqui é o seu funeral. Vamos imaginar que você morreu, que te enterram agora, que isto aqui é o seu funeral. Vamos dizer que por toda a sua vida você amou uma mulher, ou algumas mulheres. Quem te enterra sabe disso? Quem te enterra aceita isso? No seu enterro os familiares acodem essa mulher como uma viúva, ou a deixam de canto, afundando sozinha no luto, respondendo aos curiosos que aquela era uma melhor amiga muito próxima? Seu enterro diria quem você é? O amor apareceria nos seus ossos?

CENA III

O retroprojetor avança, agora mostrando a foto do caderno, um caderno de capa rosa, com o título 'Caderno de receitas' na capa. A moça não parece bem, algo está errado.



Eu estou aqui por causa dele. E por uma série de outros motivos, é claro. Porque eu estou viva. Porque há transporte público. Porque a professora Ana Paula me alfabetizou em 2006 e porque Roland Barthes escreveu Câmara Clara e Diário de Luto antes de ser atropelado por um carro de lavanderia. Porque em 2014 minha avó morreu e em 2017 foi o meu avô e em 2021 eu me matriculei em Correntes Teóricas e tive que responder ao Sartre. E por isso eu finalmente pude abrir este caderno que por anos eu não soube encarar. E este ano eu escrevi um poema. Escrevi um poema porque escrever é o único jeito de contar o que os meus ossos sustentaram por todo esse tempo.

Porque quando ela morreu eu acordei com meu pai, alto, muito alto, quase tão alto quanto meu avô, chorando sob o ombro da minha mãe. Se dobrando de um jeito que você jamais imaginou que seu pai pudesse se dobrar. Porque seu pai te pediu a mão naquele dia como se fosse ele a criança pequena que precisasse de direção. Porque eu segurei a mão dele e ficamos os dois mudos, incapazes de dizer qualquer coisa enquanto decidiam os detalhes do velório. Um tipo de Antígona às avessas, incapaz de lutar pelo enterro digno dela. Ouvindo mandarem fechar o caixão, impedindo que o corpo fosse sepultado no jazigo da família. Enterrando-a no alto de um morro de terra, junto com as pessoas que não tem ninguém, num morro que um dia deslizaria e faria se perder seus ossos.

Porque eu restei, assim como este caderno é o único lugar que restou para retornar a visitá-la. Porque eu escrevi um poema. Porque quando fica difícil, eu recorro aos versos, finjo que a dificuldade é a forma.

Some a imagem do caderno. Se projeta a imagem da avó sobre a neta, as duas se confundindo.

herança
minha mãe diz que eu passei para o f.
essa minha mania horrorosa
de estragar papel
uma compulsão
por escrever em tudo

alguma coisa
qualquer coisa
toda viagem minha
ao escritório dela
deixa sempre um rastro
seja o meu nome
cobrindo a página
ou uma variação de
outras intervenções
rabiscos em bilhetes
e também versos de músicas
ou listas de coisas
que eu nem preciso
lembrar.

a constante é
sempre a compulsão
pelo nome
com a desculpa
de estar testando
novas caligrafias
e assinaturas
afinal, todo adulto
que se preze
deve ter uma boa rúbrica.

mas na verdade
porque eu não sei muito bem
como dar conta
dos mínimos,
múltiplos,
comuns
que cabem
em beatriz
bêa béa bia *triz*
e escrever no papel
é um jeito
de não deixar perder
mais nenhuma letra.

acho que
por isso minha avó luiza
me chamava de bianca
porque ela sabia
da importância
dos nomes próprios

porque até 2014, ela
era a única
de sobrenome ossi
que em verdade
deveria ser orsi
mas também foi para alguns
de seus irmãos
ursi
ou osi
porque havia
entre o cartório e a fazenda
um bar
que era primeira parada
do seu pai.

essa mania nojenta que passei ao felipe
eu herdei dela
que não aprendeu a escrever
muito mais que o seu nome
e assina-lo
orgulhosamente
em todos os lugares
era um jeito de dizer
quem eu sou,
ninguém pode me tirar.

graças a deus
por essa mania
eu pensei
ao abrir
seu caderno de receitas
e encontrar
entre a datilografia do meu pai
a letra treinada da minha tia
e a caligrafia magistral da minha mãe
luiza irromper
orgulhosamente
na sua letra trêmula de falta de uso
entre as xícaras de farinha
e tabletes de manteiga
no meio dos ingredientes e do modo de preparo
como dinheiro esquecido nos casacos,
ou um bombom que ficou escondido entre os papéis

por isso
eu às vezes assino
como se eu tivesse
herdado
o ossi dela
e assinando assim
eu pudesse
trazê-la de volta,
ao menos no censo.
como se assim eu pudesse
escrever que
eu sou dela
e isso ninguém pode me tirar.

anoto
que os papéis são
herança
e ruína
para não esquecer
de dizer a minha mãe
antes de ir embora.

CENA V

As luzes se apagam, voltam com a moça sem óculos e sem o coletinho bege. Ela já não olha para o público.

Eu fecho os olhos e consigo imaginar a chuva penetrando a terra, encharcando a terra, ensopando a terra, a terra se enchendo, se enchendo e então, cedendo, deslizando, escorregando, levando consigo os ossos dela. A chuva continua por dias e mais dias, até que para. Os funcionários do cemitério se deparam com aquilo, uma pilha de ossos, de pedaços semi decompostos, de dentes e cabelos e anéis e roupas e flores semi putrefatas, aquela pilha toda, aqueles ossos sem dono agora, todos misturados, e eles tentando montar os esqueletos como quem monta um quebra-cabeça, tentando encaixar as peças, tentando fazer algum sentido daqueles restos. Fico imaginando o fêmur dela com a coluna vertebral de outra pessoa, com articulações que não serviriam direito. Como ela sentiria incômodo. Como deve doer ficar assim, espalhada. Sem todas as suas partes.

O amor aparece nos ossos dela?

CENA VI

As luzes se apagam, voltam com ela sentada atrás de uma mesa com uma máquina de escrever.

Eu vou voltar um pouco. Quero contar para vocês porque eu cheguei aqui. Tem a ver com o Sartre. Com uma aula de francês que eu fiz. E com o Barthes, com a mãe dele, que morreu. Eu tenho que escrever um diário. Eu tenho que fazer esse trabalho e não sei se consigo. Barthes escreve: "Meu luto é de uma relação amorosa, não de uma organização da vida". Faz quinze mil quatrocentos e trinta e sete dias desde que a mãe dele morreu. Mil novecentos e noventa e quatro dias desde que ela se foi. É dia vinte e nove de janeiro de dois mil e vinte e um. Eu escrevo assim:

"Apanho um post-it e suspiro. Ainda trata-se de Sartre. Rabisco 'Por que escrever?' no post-it e colo-o na parede em frente a escrivaninha. Encaro a notinha supostamente inofensiva e não posso evitar a sensação intimidadora que me toma. Lembro-me bem da ocasião em que comprei esse bloco de post-its quando ainda se achava que o isolamento duraria uns poucos meses, escolhi um bloco gigante na cor coral, achando que esse laranja meio pastel era muito mais agradável do que todos os blocos fluorescentes. Agora, encarando-o depois de quase um ano, ele parece um tanto desbotado. Por que escrever? Me pergunto. E me pergunta também Sartre. Faz umas semanas que me vejo presa nessa questão, que me assombra incessantemente nos momentos mais inoportunos. Basta uma atividade mecânica para que minha cabeça enverede-se a perguntar obsessivamente 'Por que escrever?'.

Busco no quadrado dos post-its uma resposta, como se admirando-o intensamente pudesse me arranjar uma resposta ou uma linha de raciocínio decente para dialogar com Sartre. Nada me ocorre. Em algum momento, todavia, os quadrados de laranja pálido se transformam no quadriculado da folha em que tomo notas, na tela do computador que eu encaro e em todas as caixas que existem neste quarto. São estas últimas que me incomodam e fixam-se nalgum canto da minha mente. Provavelmente porque uma delas encontra-se fixa ao lado da minha mesa desde que tirada do lugar umas semanas atrás. A presença dela, aqui ao meu lado, me inquieta tanto quanto a pergunta que ainda preciso responder. Ambas produzem desassossego semelhante. Tal como 'Por que escrever?' tem irrompido no meio do banho, durante uma pilha de louças sujas ou das madrugadas insones; a inquietação por remexer essa caixa me consome. Talvez seja o isolamento que parece amplificar todas as mínimas coisas. Mas é uma tarefa árdua resistir a necessidade compulsória de tirar todas as caixas do armário, apenas para poder reorganizá-las pela milésima vez. Toda a minha vida está compartimentalizada nelas.

Os acessórios, os remédios, os documentos, as fotos, as cartas, as pinturas e os desenhos, os materiais de arte, os cadernos e os escritos soltos, as provas e redações de que me orgulho, os cadernos de receita da minha avó e as fotos antigas da família que ficaram aos meus cuidados. Caixas enormes guardando caixas médias que abrigam caixinhas menores.

Tento me lembrar quando a necessidade por ter todas as coisas no lugar começou e sinto uma nova luz se acendendo, como se durante todo esse tempo parte do meu inconsciente estivesse tentando me alertar sobre algo mais nessas caixas. Ocorre-me, finalmente, que o que me compele a organização delas é também o que me impele à escrita. Busco o começo de tudo, ou ao menos o começo de que me lembro; porque é pelo começo que de que partem as buscas.

Quando o faço, consigo vislumbrar algum tipo de resposta. Ela não se mostra nesse meu eu de dezenove anos que tenta escrever uma porção de coisas e compra caixas e mais caixas para dividir tudo o que possível em categorias ultra específicas. A menina de quatro anos que um dia fui, por outro lado, aponta que a escrita me veio não por uma tentativa de desvendar o mundo, mas de tentar remontá-lo. Aquela era a primeira grande mudança de que eu me lembraria. Recordo-me de caixas enormes e de um caminhão gigantesco carregando todos os pertences da minha família. Me lembro de não entender muito bem do que se tratava tudo aquilo até perceber que nossa casa fora substituída por um apartamentozinho claustrofóbico sem um balanço no fundo do quintal e sem um quarto para os brinquedos que eu dividia com meu irmão. Daquele apartamento meio estéril, guardo lembranças de infinitas madrugadas insones. Sabendo que acordar meus pais não ajudaria em nada e terminaria comigo insone espremida no meio deles, eu dedicava meu tempo à escrita. Ou algum tipo de escrita, visto que, naquela época eu não sabia muito bem escrever. Durante aquelas madrugadas, dedicava-me a reescrever as histórias que minha mãe lera mais cedo e as reelaborava segundo meu próprio gosto. Muitas das vezes inseria-me nos contos e fábulas e passava horas escrevendo mentalmente sobre minhas aventuras na Terra do Nunca ou no País das Maravilhas. Em que eu era Peter Pan e a Wendy terminava comigo. Noites e mais noites em que escrevi sobre garotas que perdiam-se de suas casas e viam-se alheias em lugares estrangeiros. Compartilho com aquela menina a sensação perene de que deveria estar em algum lugar de que não me lembro, um compromisso importante que estou constantemente perdendo. O deslocamento me persegue. Uma inquietude junto de uma profunda dificuldade de ocupar espaço; como se me faltasse jeito até para existir com um corpo físico. Talvez por isso escrever esse diário me cause tanto desconforto: porque me obriga a pertencer ao momento, a recorrer a verbos no presente e a vestir uma casca de primeira pessoa que me desacostumei. Não sei escrever respostas.

Tenho escrito sobre buscas terceiras, sobre tentar voltar a um lugar perdido ou encontrar um desconhecido que me abrigue. Sigo sem respostas. Mas com as caixas que me acompanharam nas incontáveis mudanças desde aquele primeiro apartamento. Estas que me acolhem porque, contrário ao que propõe Sartre, não projeto um futuro; por ele não me interesso. Escrevo na tentativa de fazer as pazes com o passado, de torná-lo suportável pela lente da ficção, de deixá-lo dobrável e cabível para as caixas que me acompanham e me permitem pertencer. Organizá-las é um movimento semelhante ou parecido a escrita. Disponho o conteúdo das caixas em panorâmica e os reorganizo até encontrar objetos que erroneamente foram guardados onde não pertencem; feito as palavras que ajeito para que se encaixem em um lugar. Trata-se de uma escrita pela compulsão, pela necessidade inconsciente de atender a uma imposição do corpo. Atendo a esta escrita não por propósito ou compromisso, mas porque o contrário dela é a inércia e eu preciso me mexer para estar viva."

CENA VII

As luzes se apagam, voltam com a moça usando óculos e um coletinho bege. Ela faz uma expressão séria, infla o peito antes de começar a falar.

Vocês sabem qual a capacidade de armazenamento do cérebro humano? O diagrama de um cérebro se projeta ao fundo do palco. O córtex apenas de qualquer cérebrozinho mediano produz sozinho 125 trilhões de sinapses. Cada sinapse comporta 4.7 bits de informação. Vocês sabem, né? A sinapse é o que faz o contato entre os neurônios, certo? Isso é mais ou menos mais de 70 terabytes de dados, no seu córtex apenas. Nosso cérebro é capaz de armazenar o equivalente a 2.5 petabytes. 1 petabyte é equivalente a 1024 terabytes ou 1 milhão de gigabytes. Sim, o seu cérebro tem muitas vezes a capacidade do celular mais avançado e caro do mercado. Esse cérebro que custou apenas 9 meses de gestação, ou menos, em alguns casos, e uns anos de colégio. A espaçonave Apollo, aquela mesmo que levou o homem à Lua, tinha uma capacidade de 64 kilobytes. A ordem de medidas é kilo, mega, giga, tera e petabytes. Fica claro? Que qualquer dúzia de sinapses suas poderia levar o homem à Lua? Que o maior e mais caro data center existente, operando com bilhões de reais e de energia, não supera o que seu cérebro faz com um prato de arroz e feijão?

Ela tira o colete e os óculos, senta-se na cadeira, suspirando.

Li em algum lugar que Barthes tinha medo de tudo. Eu também tenho. Mas não lembro onde li esse trecho e tenho medo disso também; de não lembrar.

É por isso que preciso das minhas caixas e dos meus cadernos. Pausa. Você guarda coisas demais, minha mãe vive dizendo, e eu nunca tenho coragem de dizer que é porque tenho medo. Que é por isso que guardo em envelopes especiais as fotos da família, que escrevo exaustivamente as histórias dela e tento descrever como era a voz deles. Porque seus ossos se perderam e os papéis são tudo que me restou dela. Porque a letra morta me salva de tudo que está vivo e um dia morrerá. Porque eu fico me perguntando "Tá, cabe tudo isso no cérebro. Mas para onde vai isso tudo? Vira pó? As memórias não tem a decência nem de virar osso?" Se eu por acaso começar a esquecer? O que acontece com ela? O que acontece com eles? Os meus irmãos não lembram de mais nada. Eles sequer prestaram atenção. E é por isso que eu tô aqui. Porque eu estou procurando, sim. Porque eu perdi algo, sim. Porque eu tenho medo de perder mais, sim. Mas porque eu queria pedir para vocês lembrarem por mim. Igual naquele livro, sim. É uma velha tentando lembrar, tentando achar algo que ela não tem sequer certeza que perdeu. Daí as memórias vão se atenuando conforme a vida dela avança no livro, um jeito bonito de imitar como a memória funciona.

Mas o que eu lembro sempre é de um diálogo que ela tem com uma amiga logo nas primeiras páginas. Se eu tivesse um pouco menos de caráter, eu até obrigaria um de vocês a subir aqui, pra fazer o diálogo comigo, mas vou deixar passar, é assim:

— Se eu esquecer, você me lembra?

— Como assim?

— É, se eu esquecer que quero ver o mar de novo. Sei lá, às vezes a gente esquece.

— A gente esquece comprar um negócio no supermercado, não disso.

— Mas você me lembra?

— E se eu também esquecer?

— Você podia ser minha memória.[4]

Estou lendo isso porque eu queria perguntar: vocês seriam a minha memória?

Eu fico achando que o luto é isso, uma dor que dói não no estômago, não no peito, na pele ou nas entranhas, é uma dor que trinca os ossos, congela o tutano, que faz doer e amolece o que tem de mais duro dentro das nossas cascas. Vocês já sentiram essa dor? Eu estou aqui porque uma professora minha perdeu alguém importante num dia de aula. Ela perdeu essa mulher importante e apareceu na chamada para dar aula. Ela chorou em alguns momentos, a voz dela falhou em vários. A gente leria a mulher importante dali uma semana. Um livro sobre luto, ironicamente. A morte é cheia dessas ironias, eu acho. O que eu mais gosto nessa professora é como ela faz bem essa coisa de ser vulnerável. Eu a vi chorando a mulher importante e pensei que talvez eu devesse tomar coragem para vir aqui. E eu vim. Eu estou aqui. E vocês também estão. A mão de vocês, ao menos. E nós estamos procurando, procurando.

[4] Mar azul, Paloma Vidal. Rocco, 2012.

Eu fico achando que o luto é isso, uma dor que dói não no estômago, não no peito, na pele ou nas entranhas, é uma dor que trinca os ossos, congela o tutano, que faz doer e amolece o que tem de mais duro dentro das nossas cascas. Vocês já sentiram essa dor? Eu estou aqui porque uma professora minha perdeu alguém importante num dia de aula. Ela perdeu essa mulher importante e apareceu na chamada para dar aula. Ela chorou em alguns momentos, a voz dela falhou em vários. A gente leria a mulher importante dali uma semana. Um livro sobre luto, ironicamente. A morte é cheia dessas ironias, eu acho. O que eu mais gosto nessa professora é como ela faz bem essa coisa de ser vulnerável. Eu a vi chorando a mulher importante e pensei que talvez eu devesse tomar coragem para vir aqui. E eu vim. Eu estou aqui. E vocês também estão. A mão de vocês, ao menos. E nós estamos procurando, procurando.

CENA VIII

Ela levanta. Bota os óculos novamente. No retroprojetor é colocada uma lâmina que mostra a imagem em preto e branco de um neurônio.

Um artigo da Escola Feinberg de Medicina da Northwestern University apresenta evidências de que a memória humana funciona como uma espécie de telefone sem fio. Toda vez que você lembra de algo, uma nova memória é criada, de modo que ao lembrar, você não está acessando necessariamente o evento original em si, o arquivo primeiro, mas sim a última memória de acesso a ele. O estudo implica que as memórias não são estáticas, mas altamente adaptáveis. Cada nova memória gerada pode incorporar informações sobre o ambiente e tempo em que foram acessadas, podendo modificar totalmente a lembrança original.

A luz se apaga. Um choro pode ser ouvido. Alguns segundos se passam, ela volta normalmente, sentada com um livro na mão, um calhamaço na verdade. Ela lê dele enquanto uma série de imagens dos avós se projeta freneticamente, desvanecendo conforme o texto avança.

"Ora, as recordações de amor não fazem exceção às leis gerais da memória, elas próprias regidas pelas leis mais gerais do hábito. Como este enfraquece tudo, o que nos recorda melhor uma criatura é justamente o que tínhamos esquecido, porque era insignificante e assim lhe havíamos deixado toda sua força. É porque a melhor parte de nossa memória está fora de nós, numa brisa chuvosa, num cheiro de quarto fechado, ou no odor de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que nossa inteligência rejeitara, por julgá-lo inútil, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem ter secado, sabe nos fazer chorar ainda. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas escondida a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. É somente graças a tal esquecimento que podemos, de vez em quando, reencontrar o ser que já fomos, colocar-nos face a face às coisas como o era essa criatura, sofrer de novo, porque não somos mais nós mas ele, e ele é quem amava a pessoa que agora nos é indiferente. Em plena luz da memória habitual, as imagens do passado empalidecem aos poucos, vão se apagando, não resta mais nada delas, não as encontraremos nunca mais."[5]

Uma pausa, ela se recompõe. O retroprojetor é desligado e as luzes voltam ao arranjo inicial. Ela retoma o olhar para o público.

Eu estou aqui porque o nome dela foi se perdendo. Deveria ser Orsi, ou Ursi, ninguém mais sabe ao certo. Virou Ossi. Quase osso. Como se a bebedeira do pai dela antecipasse que lhe seriam roubados os ossos.

[5] Em busca do tempo perdido, Marcel Proust. Nova Fronteira, 2016.

E por isso quisesse lhe dar um que fosse só seu. Eu estou aqui porque eu achava que lembrar deles era um jeito de fazê-los resistir. De mantê-los vivos. Nunca me ocorreu que fosse justamente a memória, a vontade de mantê-los aqui de alguma forma, que fosse condená-los ao meu esquecimento.

Eu comecei a escrever isso aqui porque quando ela morreu, em 2014, meu avô começou a encolher. Num dia, ele era o homem alto que sempre fora, num outro, ele foi se curvando, diminuindo, cheguei a achar que ele fosse ficar da minha altura, que talvez a minha avó fosse a coluna vertebral dele. Foi assim por uns poucos meses, até que um dia, num almoço de domingo qualquer, meu avô, encolhido em sua cadeira na ponta da mesa, mastigando demoradamente um pedaço de lasanha, assim muito de repente, ergueu os ombros, alongou as costas, voltou a ser alto. Mas tinha os olhos perdidos, parecia confuso, olhou seriamente para o meu pai e perguntou: “Quem é você?”.

Percebi, com certo espanto, que o que sustenta as memórias são nossos ossos, ou a gente esquece, ou a gente encolhe, ou a gente quebra.
As luzes acendem, agora verdadeiramente, iluminando todo o palco. É um velório, há um caixão no centro, umas pessoas estáticas, sentadas em volta, as flores da coroa estão mortas.

Eu estou sim um tanto atrasada, uns anos, na verdade. Espero que vocês possam entender a minha demora. O meu medo. Ainda sim, eu sinto muito por isso. E por terminar assim. Só me resta dizer que não tenho bebido mais tanto café. Tenho tentado substituí-lo por leite. Assim quem sabe eu possa ter ossos fortes pra aguentar o peso de lembrar. Eu recomendo que vocês façam o mesmo. E se possível, se não for pedir demais, que vocês lembrassem por mim. Fossem a minha memória. Porque os ossos não param de arrebentar, de se perder. Levados pela chuva, afundando pela terra. Porque entre o tempo de me preparar e chegar aqui, mais memórias se perderam e eu sinto que só me restaram estes versos.

[(equação)]
eu não sei bem
como começar
o que por si só é uma repetição embora
nada
ainda tenha sido dito,
é que eu não sei
como começar
uma coisa sobre terminar
não quando tudo parece ter sido dito,
quando a sensação é que não há mais nada
a se dizer,

quando a verdade é que parece que ao brasil
só restaram as elegias
embora
este não seja
um texto sobre o luto,
e sim,
sobre uma avó e uma neta
que juntas, enrolam brigadeiros
e descascam batatas
e dobram
em
triângulos
perfeitos
as sacolas que
o avô traz do mercado
este é um texto
sobre uma neta que recita
os
ingredientes
e as
medidas
para uma avó que embrulha os sonhos
numa toalha
para que, aquecidos
eles cresçam
melhor,
sobre uma avó
que mais teimosa que
toda a vida
guarda açúcar e sal
em potes invertidos
porque ela sabe
melhor
o modo das coisas,
é sobre um caderno de receitas
prometido
a uma neta
como herança
por uma vida toda,
é sobre uma avó que morre
e é levada embrulhada
num lençol
para nunca mais crescer
embora
este não seja
um texto sobre o luto,
e sim

sobre a raiva
de uma neta
a sua avó
ao abrir o caderno
após anos
ensaiando a coragem
e encontrar
apenas ingredientes e medidas
mas nenhuma instrução
de como fazer crescer
corretamente os
sonhos;
este é um texto sobre um avô
que que foi impossivelmente alto durante toda vida
e ensinou a neta
a fazer café
e a não confundir nunca o pote de açúcar
com o de sal
é sobre uma neta
que aprende com seu avô
a contar
e a subtrair
e a colocar, uma pitada mínima de açúcar
nas saladas
porque melhora o sabor,
é sobre um avô e uma neta
que perdem a avó
embora
este não seja
um texto sobre o luto
é sobre um avô que impossivelmente alto durante toda vida
passou a encolher
um encolhimento que só cessou com a perda
das memórias
seguida da morte
embora
este não seja
um texto sobre o luto
e sim
sobre a raiva
de uma neta
ao seu avô
que a deixou sozinha com o peso da memória
e a constatação de que talvez
a gente esqueça porque
os ossos

não aguentam o peso
de lembrar;
este é um texto sobre um outro avô
que não era bem avô
embora fosse
apesar de ser padrasto e não pai
da mãe da neta,
é sobre este avô alto
mas também largo
que não dizia muitas coisas
nem esboçava muitos sorrisos
e fazia muitas reclamações,
é sobre uma neta que achava tirano
este avô
que não a deixava
andar de bicicleta
no piso recém-encerado,
é sobre este avô que não cozinhava muitas coisas
mas fazia um refogado de couve e farinha de milho
e bruschettas
que eram as comidas
favoritas desta neta,
é sobre uma neta
que aprendeu a enxergar
alguma coisa não dita
pelo avô que lhe presenteava
com pijamas
em todas as ocasiões
por medo de não agradar com as escolhas
é sobre este avô que a levou na matrícula da
faculdade
e ficou dez horas na fila
sem reclamar
uma só vez,
é sobre uma neta que na volta
ouve este avô perguntar
encabulado
se naquela faculdade
ele poderia fazer geografia
se não seria estranho
pela idade,
é sobre este avô
que não teve tempo de
se preparar para o vestibular
nem de fazer matrícula
porque em julho de
2020

após seu aniversário
os primeiros sintomas vieram
e tão logo a internação
e um tubo
que lhe roubou
o direito de reclamar
ou dizer qualquer coisa,
embora
este não seja
um texto sobre o luto
e sim sobre a raiva de uma neta
que aprendeu a fazer
durante os meses de uti
o bolo favorito deste avô
de nozes
que ele nunca chegou a sair
para provar,
embora
este não seja
um texto sobre o luto
e sim sobre a raiva
e o estranhamento
de uma neta
habituada à subtração
a ser o resto
um
da equação
tendo este avô como soma
às estatísticas
adição
a outros
700 mil.

escrever é uma forma leviana
de lidar com os fatos

eu aqui selecionando as palavras

para dizer seu corpo

quando você já não possui um

corpo

Édipo Ferreira, Ossário, 7letras, 2022.



Beatriz Machado é estudante de Letras na EFLCH - Unifesp. Escreve, traduz e experimenta com artes visuais. É parte do Laboratório de Práticas de Escrita (LAPES) e pesquisa na área de Estudos Literários.

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Integram a Comissão de Seleção do 2º Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí: Adriana Afonso, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Sérgio de Carvalho e Tadeu Renato, com coordenação de Tadeu Renato e Antonio Salvador.



Adriana Afonso, mais conhecida como Drica, é mulher preta, mãe, atriz, contadora de história, educadora social e professora de Artes Cênicas no Conservatório de Tatuí.

Cidinha da Silva é escritora, doutora em Difusão do Conhecimento e conselheira da Casa Sueli Carneiro. Autora dos premiados Um Exu em Nova York e O mar de Manu. Vários de seus livros integram políticas públicas de formação de acervo como o PNLD Literário (FNDE). Sua publicação mais recente é Tecnologias ancestrais de produção de infinitos.





Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília. Mãe, atriz, escritora, poeta e dramaturga. É Mestre em teatro (UnB). Coordenadora de Políticas Públicas na Secretaria de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura. Tem onze livros publicados, em vários gêneros. Palestrou em nove universidades estadunidenses, inclusive em Harvard. Em 2022, foi finalista do prêmio Jabuti de literatura. Em 2023, representou o Brasil como escritora na Feira do Livro de Maputo. Seu espetáculo de teatro mais recente é Esperando Zumbi. Seu livro mais recente é Caixa Preta, contos, Ed. Me Parió Revolução, SP. Em 2023 escreveu a dramaturgia do espetáculo Parelha, um olhar sobre a realidade, em parceria com o Núcleo Parelha (SP). Instagram: @cristianesobralartista

Sérgio de Carvalho é dramaturgo, diretor e fundador da Companhia do Latão, grupo teatral de São Paulo. É professor de Dramaturgia e Crítica na Universidade de São Paulo, onde coordena o Laboratório de Investigação em Teatro e Sociedade (LITS) da Escola de Comunicações e Artes. É autor de diversos livros, sendo o mais recente: O Drama Impossível: o teatro modernista de Antônio Alcântara Machado, Oswald de Andrade e Mário de Andrade (Edições Sesc).





Tadeu Renato é mestre em Letras pela UNIFESP. Graduado em Filosofia e Artes Visuais. Formado em Dramaturgia na SP Escola de Teatro. É autor de 20 textos encenados por grupos da capital paulista e do interior do Estado. Tem 04 livros publicados, entre poesia, prosa e dramaturgia, entre eles Licantropia (Selo Cesura) e A pausa, o Pouso (Editora Clóe). É professor de Dramaturgia no Conservatório de Tatuí.

Antonio Salvador é sul-mato-grossense, ator e pesquisador de teatro. É mestrando em Artes Cênicas na ECA-USP. Lecionou na Escola Livre de Teatro de Santo André, Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi-SP e PUC-SP. Como ator, integra a Cia Teatro Balagan. Atuou ainda em Um panorama visto da ponte, direção de Zé Henrique de Paula; Trilogia Abnegação, Grupo Tablado de Arruar e Cassandra, direção de João das Neves. Recebeu o Prêmio APCA, pela atuação em Recusa, também indicado ao Prêmio Shell de Teatro. Desde 2021 é Gerente Artísitico e Pedagógico de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

TARCÍSIO DE FREITAS | Governador do Estado
FELÍCIO RAMUTH | Vice-Governador
MARILIA MARTON | Secretária de Estado
MARCELO HENRIQUE DE ASSIS | Secretário Executivo
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES | Chefe de Gabinete
BRUNA ATTINA | Coordenadora da Unidade de Formação Cultural
ADRIANE FREITAG DAVID | Coordenadora da Unidade de Difusão, Bibliotecas e Leitura
GISELA COLAÇO GERALDI | Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão
KARINA SANTIAGO | Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
MARIANA DE SOUZA ROLIM | Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico
LIANA CROCCO | Coordenadora da Unidade de Fomento e Economia Criativa

SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA / EQUIPE COMPARTILHADA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

ALESSANDRA COSTA | Diretora Executiva
RAFAEL SALIM BALASSIANO | Diretor Administrativo Financeiro

CLAUDIA FREIXEDAS |Superintendente Educacional
HELOISA GARCIA DA MOTA | Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing

ADLINE DEBUS POZZEBON |Gerente Jurídica
ANA CRISTINA CESAR LEITE | Gerente de Desenvolvimento de Pessoas
ANA CRISTINA MEIRA COELHO MASCARENHAS | Gerente Financeira
CAMILA SILVA |Gerente de Produção de Eventos
LAURA RIBEIRO BRAGA | Gerente de Comunicação e Marketing
LEANDRO MARIANO BARRETO |Gerente de Controladoria
RAFAEL MASARO ANTUNES |Gerente de Logística
MARINA SOLEO FUNARI |Gerente de Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos
RAFAEL MASSARO ANTUNES | Gerente de Logística/Patrimônio
SUSANA CORDEIRO EMIDIO PEREIRA | Gerente de Suprimentos/Compras
ALEXANDRE PICHOLARI | Assistente Artístico
CLÁUDIA DOS ANJOS SILVA | Contadora
JOSÉ RENATO GONÇALVES | Analista de Planejamento/Observatório
TAIS DA SILVA COSTA | Captadora de Recursos
TONY SHIGUEKI NAKATANO | Assessor de Gestão de Informação
YUDJI ALESSANDER OTTA | Supervisor de Tecnologias e Sistemas

CONSELHO ADMINISTRATIVO
ANDRÉ ISNARD LEONARDI (Presidente), CLAUDIA CIARROCCHI, GABRIEL FONTES PAIVA, GILDEMAR OLIVEIRA, JOSÉ ALEXANDRE PEREIRA DE ARAÚJO, MAGDA PUCCI, MONICA ROSENBERG, ODILON WAGNER, RENATA BITTENCOURT, WELLINGTON C.M. DE ARAÚJO

CONSELHO CONSULTIVO
ELCA RUBINSTEIN (Presidente), ABIGAIL SILVESTRE TORRES, ADRIANA DO NASCIMENTO ARAÚJO MENDES, ANA MARIA WILHEIM, CELIA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS WHITAKER, DANIEL ANNENBERG, GABRIEL WHITAKER, LEONARDO MATRONE, LUCIANA TEMER, LUIZ GUILHERME BROM, MARCOS BARRETO, MARISA FORTUNATO, MELANIE FARKAS (in memoriam), PAULA RACCANELLO STORTO

CONSELHO FISCAL
BRUNO SCARINO DE MOURA ACCIOLY, DANIEL LEICAND, PAULA CERQUERA BONANNO

CONSERVATÓRIO DE TATUÍ
GILDEMAR DE OLIVEIRA | Gerente Geral
ANTONIO SALVADOR | Gerente Artístico-Pedagógico de Artes Cênicas
VALÉRIA ZEIDAN RODRIGUES |Gerente Artístico-Pedagógico II
RENATO BANDEL |Gerente Artístico de Música
LUCAS ALMEIDA, VITÓRIA SILVA, LUCA D'ALESSANDRO RIBEIRO |Assistentes de Gerência

Coordenações Pedagógicas
JOÃO GERALDO ALVES | Música Popular
RAFAEL PELAES | Sopros/Madeiras, Percussão Sinfônica e Iniciação à Regência
JULIANO MARQUES BARRETO | Sopros/Metais e Polo São José do Rio Pardo
TANIA TONUS |Matérias Teóricas
ROSANA MASSUELA | Violão Clássico, Acordeão Erudito, Canto Lírico e Educação Musical
CARLO ARRUDA | Cordas Friccionadas, Luteria e Performance Histórica
FANNY DE SOUZA LIMA | Piano, Harpa e Piano Colaborativo
FERNANDA FERNANDES | Artes Cênicas
TULIO PIRES | Música de Câmara e Prática de Conjunto

Centro de Produção
ISABEL CRISTINA MEDEIROS ÁVILA |Supervisora de Produção de Eventos
RENATA BRUGNEROTTO | Supervisora de Produção de Eventos (interina)
EDUARDO LEAL, WESLEY SALOMÃO SOARES, GISELE DE FÁTIMA CAMARGO, ROBERTO FELIPE FRANCO DE OLIVEIRA | Produtores Culturais
SAMUEL BRUNO DE MORAES, SERGIO FERREIRA DE SOUZA FILHO | Assistentes de Produção
DIEGO FIGUEIREDO | Inspetor de Grupos Artísticos
ALICE DE FÁTIMA MARTINS, DEBORA CHAVES | Bilheteria
ELINE RAMOS, SERGIO D. C. CORRALES |Arquivistas
MARCELO VIEIRA DE SOUZA | Técnico de iluminação e sonorização
GUILHERME DE MIRANDA RIBEIRO, RAFAEL MASCARENHAS DE MORAES, REGINALDO PRESTES, VILMAR PEREIRA RIBAS |Montadores

Setor de Comunicação
SABRINA MAGALHÃES | Gerente
LENITA LERRI |Analista de Comunicação I
JÚLIA HELOISA SILVA | Analista de Mídias Sociais Jr.
ARTHUR GRANDO |Designer Jr.

